

Criatividade e inovação:
o consultor e especialista
em criatividade Jonathan
Vehar fala sobre novas
necessidades dos
consumidores



Luz no fim do túnel

Novas regras trabalhistas
devolvem competitividade
ao Brasil. Entenda por quê

TENDÊNCIA

**Home Office: economia
e produtividade sem sair de casa**

COMUNICAÇÃO

**Por que as redes sociais não
são para todos**

**Celular,
mala
e casaco.**



sistemafiep.com.br

Tudo isso tem indústria. E indústria é Sistema Fiep.

Você pode não perceber todos os dias, mas, tudo que você vê, usa, sente e vive tem a soma do trabalho de várias indústrias.

E as indústrias paranaenses podem contar com a parceria entre os sindicatos industriais e o **Sistema Fiep**, que é formado pela integração entre **Fiep, Sesi, Senai e IEL**, para se desenvolverem e fortalecerem o Estado.

|||| **sistema fiep.**
nosso i é de indústria.

FIEP
SESI
SENAI
IEL

NESTA EDIÇÃO

■ **LEITURA RÁPIDA . 05**

■ **PALAVRA DO PRESIDENTE . 06**

■ **VIÉS . 07**

■ **FALOU E DISSE . 07**

■ **AGENDA . 08**

■ **SABER É CULTURA . 08**

■ **OPINIÃO . 09**

Charlotte Burrier

■ **ENTREVISTA . 10**

Jonathan Vehar

■ **ENERGIA . 12**

Fontes alternativas

■ **CAPA . 16**

Terceirização: impacto das novas regras

■ **GESTÃO . 23**

A importância do desenho de missão, visão e valores



■ **COMUNICAÇÃO . 27**

Redes sociais para micro e pequenas empresas

■ **COMPLIANCE . 30**

Novo Portal da Transparência do Sistema Fiep

■ **TENDÊNCIA . 32**

Espaços interativos e serviço remoto

■ **SÉRIE POLO INDUSTRIAL . 36**

Papel, celulose, embalagens e artefatos

■ **RECURSOS HUMANOS . 40**

Longevidade no trabalho

■ **SUSTENTABILIDADE . 44**

Logística reversa

■ **INFRAESTRUTURA . 46**

DNIT experimenta nova tecnologia

■ **GENTE DA INDÚSTRIA . 48**

■ **GIRO PELOS SINDICATOS . 50**





Indústrias podem acessar créditos de ICMS para investimentos

Empresas enquadradas no Programa Paraná Competitivo poderão utilizar em 2017 até R\$ 100 milhões em créditos acumulados do Imposto Sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para aquisições de bens do ativo imobilizado, inclusive peças e partes de máquinas e material destinado a investimentos no Estado.

A resolução estabelece que o uso do crédito de ICMS poderá ser de até 50% do valor dos bens a serem adquiridos, sendo que a compra – seja para projetos de implantação, expansão, diversificação ou reativação – deverá ser feita em território paranaense.

As empresas interessadas no benefício podem solicitar o enquadramento junto ao governo do Estado, conforme regulamentação prevista no Decreto nº 6.434/2017, que instituiu o novo Paraná Competitivo. Uma das exigências é que elas não possuam pendências com o fisco. Para mais informações e para participar do programa é necessário acessar o site apdbrasil.org.br.

Infraestrutura Brasil x China

Brasil e China criaram um fundo de investimento com aporte de US\$ 20 bilhões para fomentar obras de infraestrutura. O fundo, lançado oficialmente no Fórum de Investimentos Brasil 2017, em São Paulo, deve financiar projetos de interesse mútuo para os dois países.

A maior parte do aporte financeiro, de US\$ 15 bilhões, virá do Fundo de Cooperação Chineses para Investimento na América Latina (Claifund). Os outros US\$ 5 bilhões serão financiados pelo Brasil. Somente empresas dos dois países poderão participar dos projetos.

O fundo deverá atender setores prioritários, como logística, energia, recursos minerais, agricultura, indústria de manufatura e serviços digitais. Os operadores preferenciais do fundo no Brasil são Caixa Econômica Federal e BNDES.

Toledo recebe parque tecnológico

Com uma estrutura total de 4 milhões de metros quadrados – o equivalente a 370 campos de futebol – o maior Parque Tecnológico de Biotecnologia do Brasil será



instalado em Toledo, e vai transformar a Região Oeste do Paraná em um polo de pesquisa, desenvolvimento empresarial e inovação tecnológica voltados para a biociência. A estrutura, com mais de 3 mil terrenos, já conta com espaço reservado para universidades, hospitais, incubadoras, indústrias e áreas comerciais e residenciais.

Com um investimento inicial de R\$ 100 milhões, doados pelos idealizadores do projeto, Luiz Donaduzzi e Carmen Donaduzzi – fundadores da indústria farmacêutica Prati-Donaduzzi –, o Biopark vai gerar mais de 30 mil empregos em diversas áreas.

O Biopark receberá também o prédio da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que abrigará inicialmente o curso de Medicina. Esta obra deverá ser concluída em 31 de janeiro de 2018.

EXPEDIENTE

SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ

PRESIDENTE

Edson Campagnolo

SUPERINTENDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO PARANÁ (FIEP)

Reinaldo Tockus

SUPERINTENDENTE DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (SESI) E INSTITUTO EUVALDO LODI (IEL) E DIRETOR REGIONAL DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI)

José Antonio Fares

SUPERINTENDENTE DE ÁREA CORPORATIVA

Pedro Carlos Carmona Gallego

A INDÚSTRIA EM REVISTA É UMA PUBLICAÇÃO OFICIAL DO SISTEMA FIEP

COMITÊ DE COMUNICAÇÃO

Carlos Walter Martins Pedro, Paulo Pupo, Abílio Santana

GERÊNCIA EXECUTIVA DE MARKETING INSTITUCIONAL

Adriana Brandão

GERÊNCIA CORPORATIVA DE MARKETING INSTITUCIONAL

Thaís Cristiane da Silva

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Denise Morini (4760/DRT-PR)

EDIÇÃO, PROJETO GRÁFICO, ARTE E DIAGRAMAÇÃO

433 AG - 433.ag

BANCO DE IMAGENS

Shutterstock

IMPRESSÃO

Graciosa Gráfica e Editora

TIRAGEM

10 mil exemplares

Comentários, críticas e sugestões, escreva para: aindustriaemrevista@fiepr.org.br



**EDSON
CAMPAGNOLO**

*Presidente do
Sistema Fiep*

PALAVRA DO PRESIDENTE

A indústria é uma construtora da realidade. É ela, por tudo que produz, que possibilita que o dia a dia das pessoas aconteça, que sonhos se realizem. É ela que, com outros setores produtivos, gera empregos e renda que sustentam milhões de famílias brasileiras. Por tudo isso, cada indústria, independentemente de seu tamanho ou do segmento em que atua, desempenha papel fundamental para o desenvolvimento de qualquer sociedade.

Especialmente neste período de grave crise econômica atravessado pelo país, é ainda mais importante valorizar o esforço de todos os empreendedores industriais, que seguem superando desafios para manter viva a chama de seus negócios. É para reforçar essa mensagem da relevância de nosso setor que o Sistema Fiep lançou, em maio, quando se comemorou o Dia Nacional da Indústria, uma nova campanha institucional. Nela, mostramos que a indústria está presente em tudo o que as pessoas veem, sentem, usam ou vivem. E que nossas instituições – Fiep, Sesi, Senai e IEL – trabalham para que o setor industrial seja a base e o futuro de nosso Estado e nosso País.

Neste contexto, esta nova edição da Indústria em Revista discute temas importantes para a melhoria do desempenho da indústria. Em nossa matéria de capa mostramos como a regulamentação do serviço terceirizado tende a reduzir a insegurança jurídica em torno dessa prática, revertendo-se em ganhos de produtividade para as cadeias produtivas. Nessa matéria, trazemos uma novidade. Com o objetivo de apresentar conteúdos cada vez mais relevantes e qualificados, pela primeira vez nossa revista conta com a colaboração de uma correspondente internacional. Direto dos Estados Unidos, a jornalista Simone Delgado mostra como a terceirização já é uma prática recorrente naquele país.

Além disso, também passamos a dar mais destaque aos nomes expressivos que, frequentemente, visitam o Sistema Fiep. Na coluna Falou e Disse, utilizamos, a partir de agora, apenas frases marcantes de personalidades que participam de eventos promovidos por nossas instituições. Valorizamos, assim, nosso papel como promotores de debates sobre questões que interessam ao setor industrial e a toda a sociedade.

Com tudo isso, mostramos que a vida passa pela indústria, e indústria é Sistema Fiep!

Boa leitura!

**↑ SOBE****Mais capital de giro**

A busca por linhas de financiamento para o setor produtivo apresentou mudança entre os anos de 2015 e 2016 – um reflexo do momento econômico do país. Em 2015, apenas 10% das indústrias buscavam linhas de crédito para capital de giro. No ano seguinte, o percentual passou a 30%.

Comércio online em alta

De acordo com a pesquisa de comércio eletrônico Webshoppers, 35ª edição, realizada pela Ebit, o faturamento do e-commerce no Brasil deve ter crescimento nominal de 12% em 2017 – atingindo um total de R\$ 49,7 bilhões. Assim como em 2016, o desempenho deverá ser impulsionado pelo aumento de preços e também pela maior participação das vendas para categorias como eletrodoméstico, smartphones, casa e decoração e peças e acessórios automotivos.

↓ DESCE**Menos reformas**

A procura por linhas para realizar reformas e ou ampliar instalações teve queda no comparativo entre 2015 e 2016. Em 2015, essas linhas representavam 30% dos atendimentos realizados. Na comparação com 2016, o índice baixou para 15%. O mesmo aconteceu com o capital destinado para a aquisição de máquinas e equipamentos, que de 25% passou a 15%.

Desemprego cai

Em abril, a taxa de desemprego caiu pela primeira vez desde novembro de 2014. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 13,6% da população economicamente ativa estava desocupada no “trimestre móvel” encerrado em abril, índice ligeiramente inferior ao do período encerrado em março (13,7%).



“A democracia pressupõe, acima de tudo, que os governantes sejam controlados pelos governados. Para isso, precisa-se de uma cidadania poderosa, que não só age periodicamente nas eleições, mas que sabe que seu papel ativo não se encerra quando deposita o voto em uma urna. E essa cidadania mobilizada precisa reclamar os seus direitos, melhores serviços e a existência de um governo probo.”

SERGIO MORO

Juiz federal responsável pela Operação Lava Jato, em palestra no dia 8 de maio, durante o 1º Congresso do Pacto pelo Brasil – Calamidades X Eficiência da Gestão Pública, realizado no Campus da Indústria, do Sistema Fiep.

“Não basta você ser compliance (íntegro). Você precisa demonstrar. Precisa ter uma postura que não gere dúvidas.”

CAMILA ARAÚJO

Líder de Governança Corporativa da Deloitte, no Workshop Avaliação de Riscos de Corrupção, realizado dia 11 de abril, pela Rede Brasileira do Pacto Global, consultoria Deloitte, Sistema Fiep e Cifal Curitiba.

“A competitividade da indústria é testada no comércio exterior.”

PEDRO MAROTTA

Cônsul-geral da Argentina em Curitiba, durante o IV Seminário O Comércio Exterior e a Indústria, Campus da Indústria, abril de 2017.



8º Congresso Nacional Moveleiro

Representantes do setor moveleiro de todo o Brasil estarão reunidos em Curitiba, nos dias 21 e 22 de setembro, para o 8º Congresso Nacional Moveleiro. O tema deste ano será "Boas Ideias. O ponto de partida para seu sucesso".

Data: 21 e 22 de setembro

Local: Campus da Indústria – Sistema Fiep – Curitiba

Inscrições: congressomoveleiro.org.br



ID Fashion

O evento que destaca a moda feita no Paraná chega à sua terceira edição com uma novidade: neste ano será na casa da indústria paranaense, o Centro de Eventos do Campus da Indústria, do Sistema Fiep. O ID será nos dias 28 e 29 de setembro.

Data: 28 e 29 de setembro

Local: Campus da Indústria – Sistema Fiep – Curitiba

Informações: idfashionpr.com.br

XX Reunião Conjunta do Comitê de Cooperação Econômica Brasil-Japão

O Sistema Fiep recebe, nos dias 28 e 29 de agosto, uma comitiva de industriais e autoridades do Japão. Durante os dois dias, eles se encontram com empresários e autoridades brasileiras para debater iniciativas para a ampliação do fluxo de comércio. A reunião é uma realização da Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com a entidade japonesa equivalente, Keidanren – representante da indústria nacional. A Fiep sedia pela primeira vez este encontro.

Data: 28 e 29 de agosto

Local: Campus da Indústria Sistema Fiep – Curitiba

Mais informações::

(61) 3317-9880 e brasil-japao@cni.org.br

Confira outros eventos do setor:
www.goo.gl/xzoM71



Revisita ao passado

Museu do Mate reabrirá suas portas para contar a história da principal atividade econômica do Paraná do século XIX

Depois de cinco anos fechado, o Museu do Mate está prestes a reabrir suas portas ao público. O Termo de Cessão do Parque do Mate, que abriga o museu e está localizado em Campo Largo, foi assinado no dia 23 de fevereiro último, exatamente no dia do aniversário da cidade, como um presente por seus 146 anos.

O Museu é a principal atração do Parque do Mate, localizado na BR-277, entre Campo Largo e Curitiba. Instalado numa edificação histórica, construída por volta de 1870 como engenho de beneficiamento da erva-mate, o museu preserva todo o maquinário original. O acervo conta a história do principal produto e atividade econômica do Paraná no século XIX e início do século XX.

O engenho foi construído pelo Capitão Carlos José de Souza Franco, mas foi vendido 16 anos depois, sendo utilizado como indústria de farinha de milho. No início da década de 80 foi tom-

bado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, restaurado em 1984 e transformado em Parque Histórico e Museu do Mate.

Durante os quase 30 anos de existência, o Parque do Mate recebeu milhares de visitantes e inúmeras atrações artísticas, culturais e turísticas. Mas, a frequência de visitantes diminuiu com o tempo. Em 2011, a inviabilidade econômica e a baixa frequência tornaram o local fechado para visitantes.

A prefeitura de Campo Largo deve reabrir em breve o Parque e o Museu e promete atrações para chamar o público. ■



Curitiba lidera a internacionalização da inovação no Brasil

por *Charlotte Burrier*

O ecossistema de inovação de Curitiba foi mapeado e apresentado pela prefeitura da cidade como Vale do Pinhão – uma alusão ao Vale do Silício, na Califórnia – com a ambição de levar a cidade ao status de mais inovadora na América Latina até 2020. A prefeitura deu esse passo após a capital paranaense ser considerada uma das três cidades com maior potencial de inovação no Brasil em um ranking nacional publicado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, em 2015. Por este avanço, o movimento de inovação da cidade chamou a atenção da StartupBRICS, maior plataforma francófona a promover inovações nos países emergentes e a facilitar conexões entre ecossistemas globais.

Curitiba já tem um ecossistema de inovação desenvolvido, com atores, mentores e investidores acessíveis e pertinentes para cada etapa do crescimento das startups – do estágio inicial até a sua perenidade no mercado, passando pela promoção da cultura empreendedora em universidades consagradas. Os papéis dos setores público e privado foram essenciais para criar um ambiente sustentável e otimizado, o que permitiu tornar Curitiba uma capital da inovação da América Latina.

De fato, todos que participaram do processo de inovação são indivíduos conectados por meio do Sistema Fiep e das iniciativas da prefeitura – as universidades, os institutos de pesquisa e desenvolvimento, as startups, as incubadoras, as aceleradoras, as grandes empresas, os investidores e os mentores. Agora que a primeira etapa de criação e de fortalecimento do ecossistema está concluída, os atores de Curitiba procuram se internacionalizar. É neste espírito que o Sistema Fiep assinou uma parceria com a StartupBRICS, em maio de 2017.

A mudança na escala de ambição da cidade é significativa. Os atores inovadores vão participar do movimento de inserção do Brasil no processo de globalização. Estes atores serão os primeiros representantes brasileiros nos BRICS (Brasil, Índia, Rússia, China, África do Sul) a participar do crescimento global e a propor soluções pertinentes para os desafios do século 21. Enfim, os atores inovadores de Curitiba, junto à StartupBRICS e sua rede internacional, reforçam a seguinte crença: o futuro da inovação está nos mercados emergentes. Certamente, a verdadeira inovação, a que soluciona problemas reais, a inovação revolucionária, a do amanhã, está nos mercados emergentes. Por isso, a StartupBRICS, juntamente com o Sistema Fiep, está altamente empenhada em relacionar startups paranaenses com ecossistemas inovadores na França, na África e na Ásia. É certo, Curitiba está pronta para liderar a internacionalização da inovação brasileira.



Credito: Gelson Bampi

“

A VERDADEIRA INOVAÇÃO, A QUE SOLUCIONA PROBLEMAS REAIS, A INOVAÇÃO REVOLUCIONÁRIA, A DO AMANHÃ, ESTÁ NOS MERCADOS EMERGENTES.

”

A CIENTISTA POLÍTICA CHARLOTTE BURRIER É DIRETORA DA STARTUPBRICS NO BRASIL. RESIDENTE EM SÃO PAULO, RECENTEMENTE ESTEVE EM CURITIBA, ONDE ASSINOU UM MOU (MEMORANDUM OF UNDERSTANDING) ENTRE STARTUPBRICS E O CENTRO DE INOVAÇÃO DO SISTEMA FIEP. COM ISSO, STARTUPS CURITIBANAS PODERÃO TROCAR TECNOLOGIA E CONHECIMENTO TANTO COM STARTUPS DOS BRICS QUANTO FRANCESAS.



Crédito: Divulgação

JONATHAN VEHAR

Chamado de “Geek de Inovação” pela Forbes, “Líder do Pensamento da Inovação” pela Fast Company, e “Guru da Inovação” pelo Investor’s Business Daily, Jonathan Vekar é mestre em Criatividade, Inovação e Liderança de Mudança, e vice-presidente de Produtos da Dale Carnegie & Associates. Ele já assessorou organizações como Chrysler, Disney, Mondelêz, Pfizer, Johnson & Johnson, Senai e Caterpillar do Brasil, ajudando-as a melhorar a liderança e cultura em apoio à inovação. Ele esteve em Curitiba, como palestrante do ILA - Intensive Leadership Academy.

Por mais de 20 anos eu perguntei às pessoas: “Onde você está quando tem suas ideias mais inovadoras?”

O consultor e especialista em criatividade e inovação americano, com clientes como Disney, Chrysler e Johnson & Johnson, conversou com a Indústria em Revista sobre as mudanças das necessidades dos consumidores, criatividade e tecnologia

da Redação

Muitas empresas consideram conflitante a ideia de inovação em processos bem estruturados e eficientes. É preciso inovar mesmo quando há metas cumpridas e satisfação de seus stakeholders?

Existe uma tensão muito grande entre a necessidade de previsibilidade e a necessidade de inovação. Ambos são importantes, e é muito difícil fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Previsibilidade é importante para uma organização em como eles fazem seus negócios da perspectiva de processos de negócios, orçamento, consistência, qualidade e assim por diante. E a inovação também é importante porque a concorrência está sempre olhando para vencê-lo e tomar a sua quota de mercado, especialmente em um ambiente competitivo que está sempre mudando. Não podemos continuar fazendo as mesmas coisas que sempre fizemos e esperar permanecer – ou nos tornarmos – bem-sucedidos. Devemos melhorar e encantar os clientes em novas formas de satisfazer as necessidades que eles não sabem que têm. Isso pode vir de diversas formas, por exemplo: na forma de um novo produto ou um novo modelo de negócio.

Sabemos que o Brasil não tem um desempenho exemplar quando o assunto é inovação. Por outro lado, somos reconhecidos internacionalmente por nossa criatividade. E a inovação parece não existir sem criatividade. Em sua visão, o que falta no Brasil para transformar criatividade em inovação?

Sem criatividade – a capacidade de criar novas ideias – não há inovação. Eu defino a inovação como “a introdução de algo novo, original ou melhorado que cria valor”. Então você definitivamente preci-

sa de criatividade para criar ideias novas, originais ou melhoradas. E essas ideias precisam ser traduzidas em algo tangível que possa satisfazer a necessidade delas. Onde há um alto nível de criatividade e baixa inovação geralmente há um foco em ideias e não em execução. Para aumentar a capacidade de inovar as pessoas devem se concentrar em uma estratégia impecável e sua execução. Tomando emprestado de uma citação de Thomas Edison: “Inovação é 1% inspiração e 99% transpiração.”

Com a fragilidade econômica mundial, estamos vivendo uma época em que o compartilhamento – de casa, carro e todo tipo de bem – é uma das correntes que vem ganhando mais força entre práticas de economia. De que forma a indústria precisa se reinventar com o crescimento da economia colaborativa?

As empresas precisam entender proativamente onde estão entregando em demasiado aos seus clientes, pois esta é a base para o compartilhamento. Por exemplo, se você possui um carro, durante a maior parte do dia está parado sem utilização, e esta é a base para o carro compartilhado. Ou se você tem um quarto extra na sua casa que não é utilizado, isso se torna uma oportunidade para uma empresa como AirBnB. Estas são situações em que o cliente tem mais do que eles querem ou precisam. Ao entender profundamente o que o cliente precisa (não apenas o que ele está comprando) as empresas podem encontrar oportunidades para se tornar valiosas por não vender mais do que eles querem. Você pode ver isso como algo delicado porque, além de sustentar um modelo de negócio, pode criar uma oportunidade para um concorrente. Porém, se um cliente não usar um carro 100% do dia, mas minha empresa se concentra em vender 100% de um carro para um cliente, então tão doloroso quanto é mudar o modelo de negócio é deixar uma oportunidade para um serviço de compartilhamento de carro atender melhor às necessidades do cliente, e isto custa a venda de um carro para minha empresa. É por isso que a GM está testando um serviço em Nova York que permite aos consumidores comprar uma assinatura de um Cadillac e, dependendo se eles precisam de um sedã pequeno, ágil na cidade, ou um SUV grande para uma longa viagem em família, eles podem dirigir o carro que melhor atenda às suas necessidades naquele momento.

Qual seria a principal preocupação das indústrias que querem se manter sustentáveis (em qualquer cenário econômico)?

Nossa pesquisa mostra que as empresas que estão interessadas em enfrentar os desafios do cenário em constante evolução impactado pela tecnologia, a globalização e outros fatores de desestabilização, devem se concentrar em três estratégias externas: 1) entender verdadeiramente o cliente; 2) usar a tecnologia para personalizar a experiência para cada indivíduo; e 3) aproveitar os clientes leais para ajudá-lo a encontrar novos clientes. Ao mesmo tempo, as empresas também devem estar olhando internamente para: 4) tornar-se um ótimo lugar para trabalhar, que engaja todos os seus funcionários no propósito da empresa; 5) criar uma cultura de curiosidade e aprendizagem contínua, em que as pessoas não se contentam com fazer as mesmas coisas velhas da mesma maneira velha; e 6) permitir que os funcionários sejam flexíveis em onde e quando trabalham. Por mais de 20 anos eu perguntei às pessoas: “onde você está quando você tem suas ideias mais inovadoras?” E entre milhares e milhares de pessoas, apenas três deles disseram que estavam sentados em sua mesa de trabalho, e tenho certeza que dois deles apenas disseram isso porque estavam ao lado de seu chefe. Ao permitir que as pessoas façam o máximo de trabalho possível, onde e quando quiserem, você está aumentando sua capacidade de se engajar plenamente e maximizar a produtividade de uma perspectiva de inovação. ■

“ AO PERMITIR QUE AS PESSOAS FAÇAM O MÁXIMO DE TRABALHO POSSÍVEL, ONDE E QUANDO QUISEREM, VOCÊ ESTÁ AUMENTANDO SUA CAPACIDADE DE SE ENGAJAR PLENAMENTE E MAXIMIZAR A PRODUTIVIDADE DE UMA PERSPECTIVA DE INOVAÇÃO. ”

ENERGIA

Na indústria nada se perde, tudo se transforma

Aproveitamento de resíduos, além de ser uma ação de responsabilidade ambiental, pode ser uma oportunidade para buscar fontes renováveis de energia e o barateamento da conta de luz

por Poliane Brito



A necessidade de dar uma finalidade adequada aos resíduos industriais gerados pelas indústrias moveleiras de Araçongas, no Norte do Estado, deu origem à Central de Tratamento de Resíduos Industriais (CETEC).

Na época da fundação, a CETEC era uma ONG ligada ao Sindicato das Indústrias de Móveis de Araçongas (Sima) e não era autossustentável. “Em um primeiro momento a operacionalização era deficitária, mas depois de alguns anos passou a dar resultados positivos economicamente e ainda com a questão ambiental resolvida”, conta o sócio-administrativo da CETEC, José Roberto Pontalti.

Depois, o projeto foi terceirizado e passou para a iniciativa privada, como funciona até hoje. Diariamente são coletadas 400 toneladas de resíduos em indústrias de Araçongas e do entorno. Deste total, 95% são itens de madeira.

A CETEC transforma o resíduo das indústrias de móveis em madeira prensada. Conhecido como briquete, o aglomerado compactado é um combustível com alto poder de queima. Ele é utilizado na alimentação de caldeiras nas indústrias, especialmente na linha de produção do setor de alimentos.

O processo permite elevar de 1.800 para 4.400 kcal/kg o poder calórico da madeira. “Em termos de comparação de custo e benefício, podemos dizer a grosso modo que o briquete tem 50% do poder de queima do óleo combustível e o preço é três vezes menor”, calcula Pontalti.

As indústrias que vendem os resíduos recebem uma remuneração e são ambientalmente responsáveis. O ciclo de reaproveitamento se fecha com a compra dos briquetes. Todo mês, 11 mil toneladas de briquetes são vendidos no Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais

400
TON. DE RESÍDUOS



95%
MADEIRA



TRANSFORMADA EM



↳ 1.800 para 4.400 kcal/kg

11 MIL TONELADAS / MÊS

PR . SP . MS . MG

O BALÃO DE BIOGÁS DA FRIMESA ALIMENTOS É RESPONSÁVEL POR ARMAZENAR O GÁS LIBERADO PELA DEGRADAÇÃO DOS RESÍDUOS ORGÂNICOS, QUE POSTERIORMENTE SERÁ QUEIMADO EM SUBSTITUIÇÃO AO GLP.

Gás para a competitividade

No Noroeste do Paraná, outra indústria viu nos resíduos uma oportunidade de diminuição de custos e uma fonte para geração de energia. Com um modelo autofinanciável, a Podium Alimentos, com sede em Tamboara, transforma os detritos líquidos em biogás. O modelo de geração permitiu uma redução de 80% na utilização de lenha para geração de vapor, mesmo a empresa tendo dobrado a capacidade produtiva.

Em 2011, a empresa desembolsou R\$ 500 mil com a aquisição de lenha. Em 2015, com a utilização de biogás, o valor caiu para R\$ 150 mil. “O mais relevante é a redução da queima da lenha e a emissão de poluente na atmosfera”, comemora o diretor da empresa Maurício Gehlen.

Em uma lagoa, com a ação das bactérias e do sol, acontece a degradação dos compostos orgânicos e tóxicos. Esse processo libera o gás metano que é direcionado para a caldeira. Quando queimado, a redução da poluição é 21 vezes menor do que se o gás fosse lançado diretamente na atmosfera. Do processo resta uma água rica em nutrientes, utilizada em sistema de irrigação e fertilização para pastagens.

Se todo o gás metano produzido na Podium fosse transformado em energia elétrica, a produção seria suficiente para atender o consumo de aproximadamente 600 residências de médio porte. A empresa já está com projetos em andamento para a utilização do biogás como fonte de geração de energia elétrica.

O desafio é aprimorar a tecnologia

Desde 2013, a Frimesa, com sede em Medianeira, substituiu parte do gás liquefeito de petróleo (GLP) nos chamuscadores do abate – equipamentos utilizados para a retirada do excedente de pelos da carcaça dos suínos – por biogás produzido a partir dos resíduos da fábrica.

A planta abate 7 mil suínos por dia. No primeiro ano a geração de biogás da cooperativa chegou a atender 40% da produção e gerou uma economia de R\$ 38 mil ao mês. O índice manteve-se por dois anos, quando os equipamentos começaram a mostrar corrosão. O biogás possui alto grau de umidade e é composto por elementos químicos com alto poder corrosivo.

O diretor-executivo da Frimesa, Elias José Zydek, defende que a produção de gás pelos resíduos já provou ser excelente, pois aproveita um poluente e gera gás e fertilizante, mas a tecnologia de filtração precisa passar por processos de melhoria para compensar o investimento. “Se tudo correr bem, o retorno do investimento se daria em quatro anos, mas a tecnologia não atingiu nem 40% do que necessita. Temos este desafio: purificar o gás para que ao entrar na fábrica o mesmo possua qualidade necessária para evitar danos aos equipamentos”.

No último ano, a cooperativa praticamente não conseguiu utilizar o mínimo do combustível e precisou substituir 100% dos equipamentos. A cooperativa procura alternativas mais eficientes para a purificação. “Deveríamos nos preocupar mais com isso, os órgãos e entidades. Neste aspecto, temos muito chão para andar. Estamos num processo de aprimoramento e reinvestindo R\$ 600 mil para reformar e readequar nosso maquinário, criando outros filtros que não corroam os queimadores”.

A meta da unidade no Oeste Paranaense é gerar gás para flambar 60% da produção dos suínos. Hoje, a Frimesa avalia se a geração de energia por meio do biogás é viável. “Ainda não vimos cases que gerem energia, com viabilidade econômica, que nos convença a investir”, argumenta Zydek.

“ TEMOS ESTE DESAFIO: PURIFICAR O GÁS PARA QUE AO ENTRAR NA FÁBRICA O MESMO POSSUA QUALIDADE NECESSÁRIA PARA EVITAR DANOS AOS EQUIPAMENTOS.

DIRETOR-EXECUTIVO DA FRIMESA, ELIAS JOSÉ ZYDEK.



Crédito: Divulgação



COM O USO DO BIOGÁS, A FRIMESA CONSEGUIU ATENDER 40% DA SUA PRODUÇÃO E GERAR UMA ECONOMIA DE R\$ 38 MIL/MÊS.

Investir em energia requer acúmulo de conhecimento

Em tempos de desaceleração econômica, os investimentos em projetos tendem a diminuir. “Mas, se não é momento de tomar decisões finais, é o momento ideal para estudar as oportunidades que se abrem e acumular conhecimento para definir melhor na hora certa. Definitivamente o assunto energia não é para amadores. O industrial tem que ir além do conhecimento específico que domina para sua produção e capacitar-se para entender desse insumo tão importante, que é a energia”, aconselha o presidente da Associação Brasileira de Biogás e Biometano e coordenador do Núcleo Energia e Cidadania da Unilivre, Cícero Bley Junior.

Quando se fala em energia, Bley afirma que é fundamental pensar a longo prazo. “O industrial precisa ficar atento às ofertas, familiarizado com as regras, porém com um olhar voltado para passos adiante, que seriam aqueles que devem lhe proporcionar autonomia energética. Significa ter capacidade para gerar a própria energia com fontes renováveis, a partir dos recursos energéticos disponíveis. Isso pode ser com fontes solar, eólica, biogás e pirólise dos próprios resíduos”, recomenda.

O especialista afirma ainda que custos da energia só tendem a subir. “Típico de um mundo de recursos energéticos finitos. Quanto mais cedo aprofundarmos esse assunto, melhor”. ■

“MAS, SE NÃO É O MOMENTO DE TOMAR DECISÕES FINAIS, É O MOMENTO IDEAL PARA ESTUDAR AS OPORTUNIDADES QUE SE ABREM E ACUMULAR CONHECIMENTO PARA DEFINIR MELHOR NA HORA CERTA.”

CÍCERO BLEY JUNIOR, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BIOGÁS E BIOMETANO E COORDENADOR DO NÚCLEO ENERGIA E CIDADANIA DA UNILIVRE.







Segurança para aumentar a produtividade

Regulamentação do serviço terceirizado no Brasil deve servir de estímulo para a especialização de etapas dos processos produtivos, trazendo ganhos para toda a economia

por Rodrigo Lopes

Depois de décadas de debates acalorados sobre o tema, o Brasil finalmente ganhou, em março, uma legislação específica para regulamentar o chamado "serviço terceirizado". A sanção da Lei 13.429/2017 promete trazer mais segurança às empresas envolvidas nessa prática, já amplamente utilizada em processos produtivos de todo o mundo. E, para a indústria, pode se reverter em ganhos expressivos de produtividade e qualidade.

Projetos de lei que tentavam regulamentar o serviço terceirizado no Brasil tramitavam no Congresso Nacional desde os anos 1990. Foi justamente nessa década que ganhou força o fenômeno da globalização, altamente marcado pela segmentação dos processos produtivos. Etapas específicas da produção eram realizadas por empresas diferentes, cada uma em sua especialização e, muitas vezes, espalhadas por diferentes países. Isso trouxe aumento de produtividade e redução de custos para as cadeias produtivas, com ganhos expressivos também na qualidade dos produtos finais.

Essa prática se tornou realidade no mundo todo, mais conhecida pelo nome de outsourcing – ou "fornecimento vindo de fora", em tradução livre. No Brasil também se desenvolveu, sendo chamada de "terceirização". Sua disseminação, porém, gerou inúmeros debates e questionamentos, inclusive na esfera judicial, a ponto de o Tribunal Superior do Trabalho (TST) ter interferido na questão, em 1993, com a edição da Súmula 331 – renovada e atualizada em anos seguintes.

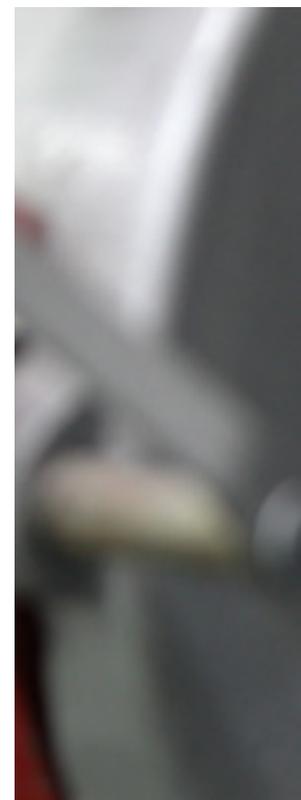
O que seria uma orientação de jurisprudência para a Justiça trabalhista acabou se tornando, na prática, a única norma sobre terceirização no país. Com um detalhe que restringia a sua utilização: a súmula passava a permitir que uma empresa contratasse de outra apenas serviços que classificava como “atividades-meio”, como segurança, limpeza e conservação de suas instalações. Assim, ficava proibida a contratação de serviços que tivessem ligação direta com a “atividade-fim”, ou seja, com qualquer etapa do processo produtivo em si.

O doutor em Economia Fernando de Holanda Barbosa Filho, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE-FGV), destaca que o Brasil é o único país do mundo em que houve essa diferenciação entre atividades-meio e fim. “Em outros países não existe essa diferenciação”, afirma. “Agora, a regulamentação abre espaço para que uma empresa possa produzir as diferentes etapas de seu processo da melhor maneira que considerar, o que resulta em ganhos de produtividade”, completa. Apesar disso, a restrição não impediu por completo que empresas de diversos setores industriais realizassem parcerias estratégicas em etapas específicas de seus processos produtivos. Barbosa Filho cita o caso da Embraer, empresa brasileira que é uma das principais fabricantes de aeronaves do planeta. “A Embraer é um exemplo de terceirização bem-sucedida. Ela é basicamente uma montadora de aviões, que elabora os projetos e contrata outras empresas para produzir diferentes componentes. E é uma empresa extremamente competitiva”, diz o economista.

Pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) comprova a tese de que a terceirização já é uma prática bastante utilizada no Brasil. O levantamento mostra que 63,1% das empresas do setor industrial contrataram serviços terceirizados nos últimos três anos – mesmo que os principais ainda estejam ligados a atividades-meio, como segurança, limpeza e conservação patrimonial. Já na indústria paranaense, segundo pesquisa similar da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), o percentual é ainda maior: 81,5% das empresas contratam usualmente serviços terceirizados. Mas o grande empecilho para que essa prática fosse ainda mais utilizada era justamente a falta de regulamentação. A insegurança jurídica, apontada por 67,6% das empresas do País e por 39,3% do Estado, seguia como principal dificuldade enfrentada no processo de terceirização.

Insegurança que, espera-se, seja superada com a sanção da Lei 13.429/2017, conforme opina o presidente do Conselho de Relações do Trabalho da CNI, Alexandre Furlan. “O principal ganho para a economia, e também para a indústria, é o reconhecimento de que a dicotomia entre atividades-meio e fim como forma de separação de uma terceirização lícita ou não, na economia dinâmica atual, não é viável”, diz. Para Furlan, a consequência de uma regulamentação clara será o aumento da especialização, resultando em ganhos de produtividade para as empresas e a geração de novos negócios. “Com a terceirização, transfere-se, ou contrata-se com terceiros, atividades que, com competência, habilidade e qualidade técnica, serão mais bem executadas por outras empresas que não a contratante. Ao se contratar outras empresas, estimula-se o empreendedorismo e a geração de empregos”, declara.

A opinião é compartilhada pelo doutor em Administração Luciano Salamacha. Para ele, regras claras para a terceirização permitirão que uma indústria transfira parte de seu processo produtivo para outra que seja, de fato, vocacionada para aquela atividade. “Isso vai desonerar, principalmente, as pequenas e médias empresas de realizarem investimentos em equipamentos cuja taxa de ocupação é baixa em função do impedimento de terceirização de atividades-fim”, analisa. “A partir de agora, empresas até mesmo concorrentes poderão se unir para partilhar investimentos e criar organizações especializadas em algumas atividades produtivas, garantindo qualidade e mão de obra especializada”, acrescenta.



Oportunidade de crescimento

Na indústria paranaense, alguns exemplos práticos já mostram como a terceirização de etapas específicas de um processo de produção podem trazer ganhos para as empresas envolvidas. É o caso da King & Joe, indústria de confecção de Londrina que atua no ramo de moda masculina. Atualmente, a fabricante tem 15 empresas que lhe fornecem serviços, especialmente nas áreas de costura e lavanderia. “Hoje, trabalhamos com uma linha completa, incluindo jeans, camisas, bermudas e casacos. Contratamos facções especializadas em cada tipo de produto, já que não teríamos condições de manter toda uma equipe interna para realizar esses serviços”, explica o diretor de operações da empresa, Rafael Miranda.

A King & Joe mantém aproximadamente 95 colaboradores, sendo que as únicas peças produzidas totalmente em suas linhas de produção são as mais básicas, que precisam ser repostas em maior volume. “A terceirização nos permite maior especialização em algumas etapas e agilidade na relação com os fornecedores dos serviços. Se um deles não está cumprindo com o contrato, é possível trocá-lo, como em qualquer relação comercial”, afirma Miranda.

A Winn Fashion, uma das empresas contratadas pela King & Joe, mostra que a relação é vantajosa também para a empresa prestadora do serviço terceirizado. Fundada há 12 anos para atuar no ramo de confecção, há 6 anos a empresa decidiu se especializar no processo de estamparia por sublimação. Desde então, os negócios prosperaram. “Por termos investido em tecnologia, com um processo ecologicamente correto, temos crescido cerca de 100% ao ano, apesar da crise do país”, revela o diretor comercial da empresa, Rogério Dantas. “Todos os nossos funcionários têm remuneração de acordo com o mercado e são registrados, até porque essa é uma exigência das empresas que nos contratam, principalmente as maiores”, explica Dantas, acrescentando que a empresa atende entre 50 e 60 indústrias de confecção da região de Londrina. Para ele, mesmo afirmando nunca ter tido problemas trabalhistas, a regulamentação do serviço terceirizado é positiva por dar mais segurança às empresas que se envolvem nessa prática, o que deve resultar em novos negócios.

Maior segurança jurídica é o que espera também o setor de Construção Civil, outro em que a terceirização já é amplamente utilizada. O presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Paraná (Sinduscon-PR), Sergio Crema, explica que, antigamente, um profissional trabalhava em praticamente todas as etapas de uma obra. Com avanços tecnológicos, várias dessas atividades passaram a exigir especialização. “Numa obra, as grandes construtoras têm um grupo de empregados que faz a gestão, mas são contratadas empresas específicas para realizar etapas como fundação, concretagem, alvenaria, reboco, pintura e colocação de azulejos, entre outras”, afirma. “Nem sempre essas diferentes equipes atuam juntas, por isso são feitos contratos sazonais, o que torna os custos mais interessantes.



Crédito: Gelson Bampi

A nova lei da terceirização dá mais segurança a essa relação, inclusive com garantias para o trabalhador terceirizado”, acrescenta.

A Lavitta Engenharia, que atua principalmente em obras de plantas industriais, é uma das empresas do setor que se diz mais segura com a aprovação da lei da terceirização. “Cada indústria que atendemos tem suas especificidades, então obrigatoriamente temos que terceirizar, pois em cada obra temos que nos adequar com o auxílio de especialistas”, afirma o diretor de operações da empresa, Bruno Palazzo. “Nossa especialidade é engenharia civil, então o que é concreto na obra fazemos com nossa equipe. Mas a construção está se tornando cada vez mais complexa, com novos materiais sendo desenvolvidos. Então, para aplicar esses materiais acaba sendo mais produtivo, seguro e com garantia de qualidade você pegar uma empresa especialista. Mas aí entrava a questão de se isso seria nossa atividade-fim ou não. A nova lei esclarece esse ponto, o que vai dar uma segurança jurídica não só para nós, mas também para o cliente”, justifica.

“CADA INDÚSTRIA QUE ATENDEMOS TEM SUAS ESPECIFICIDADES, ENTÃO OBRIGATORIAMENTE TEMOS QUE TERCEIRIZAR, POIS EM CADA OBRA TEMOS QUE NOS ADEQUAR COM O AUXÍLIO DE ESPECIALISTAS.”

BRUNO PALAZZO,
DIRETOR DE
OPERAÇÕES
DA LAVITTA
ENGENHARIA.



Crédito: Divulgação

Correspondente Internacional



Crédito: ICI Machado

SIMONE DELGADO

É JORNALISTA FORMADA PELA PUCPR E MESTRE EM MEDIA STUDIES PELO HUNTER COLLEGE EM NOVA YORK. EM CURITIBA, TRABALHOU COMO REPÓRTER E PRODUTORA PARA VÁRIOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO. EM NOVA YORK, ONDE MORA HÁ 18 ANOS, FUNDOU A SD MEDIA PRODUCTIONS, CUJOS SERVIÇOS INCLUEM PRODUÇÃO DE VÍDEOS PARA TV, DOCUMENTÁRIOS E EMPRESAS CORPORATIVAS NO BRASIL E EM NOVA YORK. HÁ 9 ANOS, COLABORA COM A GLOBO NEWS COMO PRODUTORA DE PROGRAMAS SOBRE POLÍTICA AMERICANA E ASSUNTOS INTERNACIONAIS.



Terceirização nos EUA

Direto de Nova York, por Simone Delgado

Nos Estados Unidos, a terceirização é conhecida como “gig economy”. A palavra “gig” em inglês quer dizer um trabalho temporário ou tarefa específica para a qual o trabalhador é contratado, normalmente, por um período de tempo limitado. Esse conceito não é novo. Historicamente, vem do tempo em que trabalhadores domésticos eram contratados temporariamente por famílias aristocratas. Uma vez que o local de trabalho era frequentemente o domicílio, os governos recusaram-se a intervir. Como essas forças de trabalho eram predominantemente femininas, a exploração era em grande parte invisível.

A partir do crescimento das cidades devido ao aumento da população, os padrões de emprego também começaram a mudar.

A “gig economy” se consolidou na era industrial. À medida que novas máquinas eram fabricadas, os gerentes procuravam novas maneiras de medir a eficácia da produção. Isso foi especialmente evidente nos negócios de vestuário, em que os trabalhadores recebiam uma taxa fixa por cada peça de roupa que produziam. Outro período marcante para os trabalhadores independentes foi após a Segunda Guerra Mundial. A economia próspera da época fez com que os salários subissem todo ano. Mas, a partir dos anos 70, o cenário mudou e os salários se estagnaram. Foi quando se viu uma transformação extraordinária do emprego estável em grandes corporações para uma crescente dependência do trabalho temporário. As empresas acostumadas com um modelo trabalhista mais corporativo tiveram que se adaptar às necessidades do mercado em crise. Aos poucos, se tornaram mais flexíveis nas contratações, visando a mais lucro com menos despesas trabalhistas. Bom lembrar que os Estados Unidos têm uma das legislações trabalhistas mais flexíveis do mundo. Cada Estado tem suas regras.

“As novas alternativas de renda aumentaram, pois o crescimento do emprego não tem acompanhado o ritmo da demanda. A terceirização dá flexibilidade para as pessoas sob pressão econômica encontrarem uma nova maneira de fazer dinheiro”, diz o economista e professor da New School em Nova York, Max Wolff.

O desenvolvimento mais recente é que cada vez mais empresas que precisam de trabalhadores temporários estão conectando através de websites e aplicativos. Wolff cita como exemplos os sites do Uber, Lyft e Airbnb. A grande novidade por aqui é o fiverr.com em que você pode vender seus serviços online ou contratar um. Tudo feito sem a intermediação de escritórios de recursos humanos. Quem precisa trabalhar, acessa as gigs disponíveis, tem mais liberdade para negociar os termos do serviço, mas precisa abdicar dos benefícios e da segurança que um emprego fixo traria.

Para os empregadores, além da contratação sob demanda reduzir custos, cria mais concorrência por talentos, já que os profissionais de carreiras tradicionais estão em fase de extinção e sendo substituídos por empregos temporários focados no desenvolvimento de habilidades (versus carreira).

Atualmente, estima-se que cerca de 40% dos norte-americanos dependem de mais de um trabalho para sobreviver. O governo não dispõe de estatísticas oficiais, mas segundo uma pesquisa recente do Instituto Brookings, nos últimos 20 anos a terceirização cresceu 27% a mais do que a contratação de empregados de folha de pagamento.

E pelo visto será o modelo econômico do futuro, prevê Wolff. “O modelo gera lucros e está se espalhando. Existem muitos jovens com alta qualificação fora do mercado de trabalho. Além disso, hoje em dia todo mundo tem um telefone celular, o que se tornou parte essencial da vida e agora das relações de trabalho também.”

O mito da precarização

Durante os debates sobre o projeto que resultou na Lei 13.429/2017, o principal argumento de quem era contrário à proposta era de que a terceirização representa perdas aos trabalhadores. Boatos de que as empresas demitiriam seus empregados para contratar terceirizados, que por sua vez perderiam direitos trabalhistas e teriam menores salários, povoaram as discussões em todo o país. A opinião de especialistas no tema, no entanto, é que isso dificilmente ocorrerá. Primeiro porque a lei garante ao trabalhador terceirizado os mesmos direitos concedidos a um empregado direto da empresa. Segundo, porque não é de interesse de uma companhia terceirizar aquilo que é a essência de seu negócio.

Para o economista Fernando de Holanda Barbosa Filho, uma empresa que se arrisque a descumprir a legislação trabalhista, válida também para terceirizados, não terá vantagens competitivas. “Uma empresa não vai terceirizar etapas de sua produção que possam resultar em passivos trabalhistas, porque eventuais ganhos de produtividade serão perdidos posteriormente caso ela seja alvo de ações judiciais. A terceirização para escapar de custos trabalhistas é ilegal e vai continuar sendo. O que a regulamentação possibilita é a especialização”, ressalta.

O doutor em Administração Luciano Salamacha concorda. “Vale sempre a máxima: não se terceiriza o diferencial de uma empresa. Significa que somente atividades que não estejam diretamente ligadas ao diferencial do negócio é que devem ser objeto de eventual terceirização, independentemente de serem ou não consideradas atividades-fim”, diz. Ele rebate ainda a tese de que a terceirização trará perdas salariais aos trabalhadores. Ao contrário, afirma que ela pode trazer mais oportunidades. “Ser um terceirizado, para aquele que gosta de trabalhar e produzir, pode ser uma excelente opção para ganhar mais. O impedimento da terceirização da atividade-fim impedia que muitas pessoas que estão dispostas a serem remuneradas em função de produtividade melhorassem sua vida e orçamento familiar”, afirma.

O advogado trabalhista Hélio Gomes Coelho Júnior, professor de Direito do Trabalho da PUCPR, também refuta a tese de precarização. “O Brasil tem perto de 40 milhões de trabalhadores regulados pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), dentre eles algo como 12 a 13 milhões ditos terceirizados. Todos eles estão abrigados no sistema legal trabalhista e todos têm sindicatos que lhes produzem normas, que lhes outorgam mais direitos negociados”, afirma. “Sejamos francos, o que precariza o emprego e reduz salários é a ausência de uma economia consistente, fruto da governança pública equivocada, impostos elevados, juros altos, serviços públicos ineficientes e infraestrutura contida. Não a terceirização em si. Penso que empresário nenhum irá se socorrer da terceirização para diminuir a qualidade do seu produto, a competitividade da sua marca e a perda de mercado e, de brinde, ficar devedor subsidiário em parcerias mal feitas”, conclui o advogado. ■

“ O QUE PRECARIZA O EMPREGO E REDUZ SALÁRIOS É A AUSÊNCIA DE UMA ECONOMIA CONSISTENTE. ”

HÉLIO GOMES COELHO JÚNIOR, PROFESSOR DE DIREITO DO TRABALHO DA PUCPR.



Crédito: Gelson Bampi



GESTÃO

PLANTA DA MONTANA AGRICULTURE, ADQUIRIDA PELA KUHN.

Missão, visão e valores

Premissas devem funcionar na prática para garantir a produtividade

por Juliano Pedrozo

Há quem acredite que estabelecer missão, visão e valores é um clichê restrito às grandes empresas e que, na prática, não surtem efeito algum. Na realidade, juntos, os princípios reforçam objetivos e são peças fundamentais para o aumento da produtividade e desenvolvimento da empresa. Quem explica são as consultoras da Betania Tanure Associados (BTA), Suélen Miranda e Lívia Santana. De acordo com uma pesquisa realizada em 2015 pelo escritório, houve um salto de importância na preocupação dos gerentes ouvidos em relação à cultura organizacional. “No processo evolutivo, a cultura tomou o primeiro lugar como desafio de negócio e está listada como preocupação número um dos principais executivos. Normalmente eram estratégias, finanças e outros resultados”, garante Miranda.

A preocupação com missão, visão e valores deve ser comum a todos os empresários, independentemente do porte do seu negócio. É o que defende o diretor executivo do Instituto Brasileiro de Coaching, Marcus Marques. Segundo ele, os pequenos e médios empreendedores não devem pensar que essas ações são para os grandes ou que são apenas mais uma burocracia empresarial. “Isso deve estar vivo na mente do pequeno e médio empresário, ou seja, presente em sua forma de gerir os processos da empresa, de liderar seus funcionários e se relacionar com os seus clientes, sócios, fornecedores e parceiros”, relata.

E essa preocupação se justifica pelo fato de a cultura organizacional ligar diversas dimensões dentro do ambiente da empresa. A consultora Lívia Santana, da BTA, conta que a cultura é a “cola” que integra as demais dimensões. Para se ter bons resultados, diz ela, é necessário alinhar a estratégia, o propósito, a estrutura organizacional e as pessoas, com forte presença e o olhar da liderança. “Quando não há dimensões alinhadas você logicamente não tem cultura a serviço da organização. Ela vira uma desvantagem competitiva”, alerta.

NA PARANAENSE PISA, DO SETOR DE PAPEL E CELULOSE E ADQUIRIDA RECENTEMENTE POR UM GRUPO CHILENO, A TRANSIÇÃO DE CULTURA É FEITA COM FORTE APOIO DA COMUNICAÇÃO INTERNA E ESTABELECIMENTO DE CONFIANÇA ENTRE ACIONISTAS, DIRETORES E COLABORADORES.



Crédito: Divulgação

“ NO PROCESSO EVOLUTIVO, A CULTURA TOMOU O PRIMEIRO LUGAR COMO DESAFIO DE NEGÓCIO. NORMALMENTE ERAM ESTRATÉGIAS, FINANÇAS E OUTROS RESULTADOS. ”

SUÉLEN MIRANDA, CONSULTORA DO ESCRITÓRIO BTA.



Cultura para colaboradores

Apresentar um propósito e uma causa que mova os colaboradores é fundamental para o sucesso da empresa. Marcus Marques sugere que mais do que ter bem definidos missão, visão e valores, é essencial colocá-los em prática. “É importante integrar seus funcionários, ou seja, torná-los parte disso, sensibilizá-los sobre sua importância neste processo”, garante.

Marques ainda alerta sobre os impactos quanto ao sentimento de pertencimento dos colaboradores em relação a empresa. “Quando a missão, a visão e os valores não estão bem claros e definidos, o colaborador tem a impressão de que seu trabalho não tem um sentido, pois não entende como sua contribuição ajuda no crescimento do negócio.”

A consultora Livia Santana diz que o segredo para a empresa evitar problemas na produtividade é definir desde sua criação quais são sua missão, visão e valores, com ampla participação dos líderes. “Se a empresa não tem esse cuidado, ela terá problemas de resultado. Tem que buscar a sua causa e potencializar sua energia. Isso é algo que parte da liderança, que tem papel essencial para construir o modelo ideal, gerando resultados”, finaliza Livia Santana.



Crédito: Divulgação



Crédito: Divulgação

“ ISSO [MISSÃO, VISÃO E VALORES] DEVE ESTAR VIVO NA MENTE DO PEQUENO E MÉDIO EMPRESÁRIO, OU SEJA, PRESENTE EM SUA FORMA DE GERIR OS PROCESSOS DA EMPRESA, DE LIDERAR SEUS FUNCIONÁRIOS E SE RELACIONAR COM OS SEUS CLIENTES, SÓCIOS, FORNECEDORES E PARCEIROS.

MARCUS MARQUES, DIRETOR EXECUTIVO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE COACHING.

”



“TEM QUE BUSCAR A SUA CAUSA E POTENCIALIZAR SUA ENERGIA. ISSO É ALGO QUE PARTE DA LIDERANÇA, QUE TEM PAPEL ESSENCIAL PARA CONSTRUIR O MODELO IDEAL, GERANDO RESULTADOS.”

A CONSULTORA LÍVIA SANTANA, DA BTA, EXPLICA QUE A CULTURA É A “COLA” DE UMA ORGANIZAÇÃO E QUE DEVE SER DESENHADA, POR MEIO DA MISSÃO, VISÃO E VALORES, DESDE A CRIAÇÃO DA EMPRESA, DE PREFERÊNCIA.

É normal que durante um processo de aquisição, fusão ou incorporação de uma empresa a cultura organizacional sofra alterações consideráveis. Foi o que aconteceu com a fabricante de máquinas agrícolas Montana Agriculture, com planta em São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba. Após ser adquirida pela multifuncional francesa Kuhn, teve início o processo de transição que levou três anos para ser concluído, segundo a gerente de Recursos Humanos, Isabel Bastos. “Para o entendimento da nova cultura criada após a aquisição, o primeiro passo foi mapear as diferenças entre as duas culturas existentes – o que revelou oportunidades de aprendizagem mútua. Quanto mais diferentes, maiores as possibilidades de aprender com a diversidade”, conta.

Na Kuhn, o processo de formação de uma nova cultura foi ocorrendo aos poucos até sua concretização. “Pouco a pouco, a sensação de ‘ser Kuhn’, independentemente de estarmos em São José dos Pinhais, Passo Fundo ou Saverne, na França, foi se tornando cada vez mais presente.”

Lívia Santana reforça a ideia de que é preciso ter alguns cuidados diante desse tipo de situação, que inevitavelmente altera os processos internos. “Devem ser observados o que é visível e invisível. O primeiro deles é onde estão mercado, resultados, competitividade – aquilo que é objetivo, visível”, afirma.

Muitas vezes, o foco da empresa está no universo do visível, mas é no invisível que surgem os problemas. “Nos nossos estudos, a maioria dos processos que fracassaram não teve um olhar para o invisível, que é o que afeta a cultura, valores, a decisão. Quando isso acontece, é porque visível e invisível têm abordagens antagônicas”, explica.

Um exemplo citado pela consultora é o de uma empresa familiar adquirida por uma multifuncional. Quando isso ocorre é comum haver a prevalência da cultura de uma delas – geralmente a da compradora. “Mas é possível que ocorra o equilíbrio entre as culturas. É raro, mas pode ocorrer de várias culturas sobreviverem”, completa.

Já para as empresas Pisa e BO Paper, ambas do setor de Papel e Celulose, com plantas no Paraná e adquiridas recentemente pelo grupo chileno Papeles Bio Bio, o processo de transição teve forte apoio da comunicação interna. A gerente de Recursos Humanos, Eleida Pontes, revela que o canal é utilizado como elo entre acionistas, diretores, gerências e colaboradores.

“Sempre que há necessidade, eles se manifestam e explicam as intenções e perspectivas com a aquisição e, principalmente, tranquilizam a equipe – partindo da premissa de que a confiança traz resultados efetivos”, aponta.

As redes sociais não são para todos

Não basta apenas presença, é preciso um conteúdo que não seja meramente comercial e que chame a atenção do público-alvo

por Poliane Brito

A ideia de que as redes sociais poderiam ser ignoradas pelas organizações já está superada. E nunca ficou tão claro que estes canais causam um verdadeiro "efeito borboleta". Um vídeo ou um posicionamento publicado em qualquer rede pode repercutir em todo o país e, inclusive, ser manchete de grandes jornais internacionais.

Todos concordam que as redes sociais são estratégicas. O dado é de uma pesquisa feita pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) com 53 companhias de diversas categorias. Setenta e quatro por cento afirmam que esses canais são importantes para o cumprimento dos objetivos dos negócios. Entre as pesquisadas, motivam a presença virtual aumentar o conhecimento da organização sobre o seu público (48,8%), criar percepções mais favoráveis em relação às marcas, produtos e serviços (48,8%) e até a antecipação de problemas.

As grandes e médias indústrias já encontraram oportunidades nas redes sociais. Mas estas também podem ser usadas estrategicamente por micro e pequenas indústrias. A consultora argentina, professora da Universidade de Palermo e autora do livro "Comunicação, Pequenas e micro empresas e negócios", Patricia Iurcovich, afirma que dentro de todas as possibilidades de pontos de contato com



os públicos de interesse de uma empresa “aparecem as redes sociais, que ainda têm um baixo custo em relação aos meios massivos, como rádio, materiais gráficos, TV ou outdoors”, compara.

Apesar de as micro e pequenas indústrias não terem o mesmo nível de exposição midiática de grandes marcas, não é por isso que não devem se preocupar com a reputação nesses canais. “Empresas são portadoras de branding, ou seja de marca, e isso é pelo que elas fazem ou não fazem, pelo que dizem e pelo que se diz sobre elas em todos os canais”, acrescenta a argentina Iurcovich.

Para fazer a diferença

Para serem estratégias nestes canais, a simples presença das organizações não é o suficiente. A relações públicas e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Patricia Morais de Azevedo afirma que “a presença nas redes sociais não é para todo mundo”. Antes de estar em qualquer canal, é preciso ter conteúdo, monitoramento e uma mensuração de resultados.

A professora foi consultora de micro e pequenas indústrias durante muitos anos e continua estudando o tema. Ela acrescenta que para saber se uma determinada organização deve criar páginas ou perfis nas redes sociais, ela deve se perguntar: “O que estão falando da minha empresa? Em que rede social? O que vou postar sobre a minha empresa?”.

O conteúdo, para ela, é essencial. “Não posso apenas falar do meu produto. Preciso de um conteúdo que não chateie e que chame a atenção. Posso pensar em assuntos relacionados a isso. Eu tenho que ter uma estratégia contínua, um monitoramento das interações”, elenca.

O maior prejuízo que uma empresa pode ter ao não trabalhar a comunicação nas redes sociais dentro de um planejamento de comunicação é na assertividade do relacionamento com seus públicos. “A gente vê as empresas replicando tudo o que elas fazem para todas as redes sociais. Mas sem entender qual o papel delas dentro daquela rede específica. Como o meu negócio pode contribuir naquela rede para o meu público? Se você tem diversos canais de comunicação e não se preocupa com

a qualidade, tem apenas por uma formalidade, terá um problema”, pondera Juliana Quadros, sócia-consultora da Valente Branding.

O desafio de ser relevante

O que a indústria vai falar nas redes sociais, ou seja, o conteúdo que ela irá propagar deve ter conexão com os valores da organização. “Às vezes eu escuto que os quadros de visão, missão e valores não funcionam para nada. É importante entender o que eles representam. Isso só vai ter sentido, se for vivo e vivido de dentro pra fora da organização”, sinaliza Juliana Quadros, ao mencionar que para a produção de um conteúdo relevante, é preciso que tenha conexão direta com o core business do negócio.

Leia mais sobre cultura empresarial na matéria “Missão, visão e valores - Premissas devem funcionar na prática para garantir a produtividade”, na página 23.

Além disso, ela também levanta a necessidade de transparência no discurso. “Não posso falar lá fora de algo que dentro estou trabalhando de outra forma”, alerta. A falta de transparência pode gerar crises de reputação desnecessárias. ■

“EMPRESAS SÃO PORTADORAS DE BRANDING, OU SEJA DE MARCA, E ISSO É PELO QUE ELAS FAZEM OU NÃO FAZEM, PELO QUE DIZEM E PELO QUE SE DIZ SOBRE ELAS EM TODOS OS CANAIS.”

PATRICIA IURCOVICH,
CONSULTORA
ARGENTINA,
PROFESSORA DA
UNIVERSIDADE
DE PALERMO E
AUTORA DO LIVRO
“COMUNICAÇÃO,
PEQUENAS E MICRO
EMPRESAS
E NEGÓCIOS”.



O que avaliar antes de criar um perfil ou página nas redes sociais



O público do negócio está lá?

SIM

Há conteúdo próprio para falar com o público?

SIM

Minha empresa produz ou tem capacidade de produzir um volume constante de conteúdo?

SIM

O monitoramento constantemente das redes será possível?

SIM

A organização consegue ser ágil nas respostas?

SIM

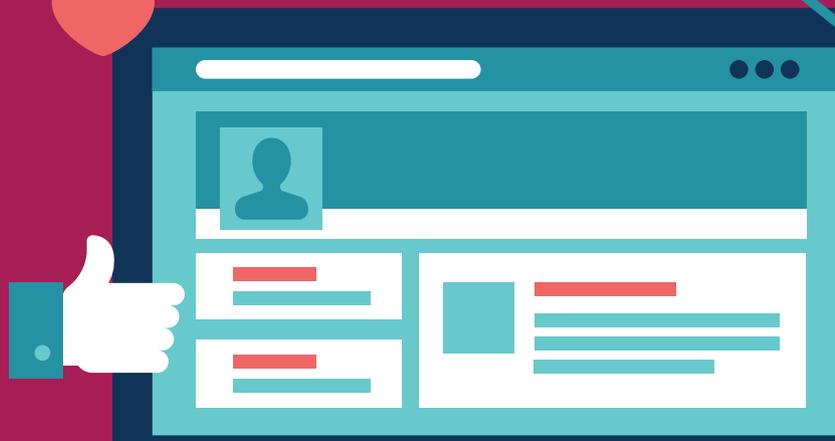
A marca está pronta para lidar com críticas?

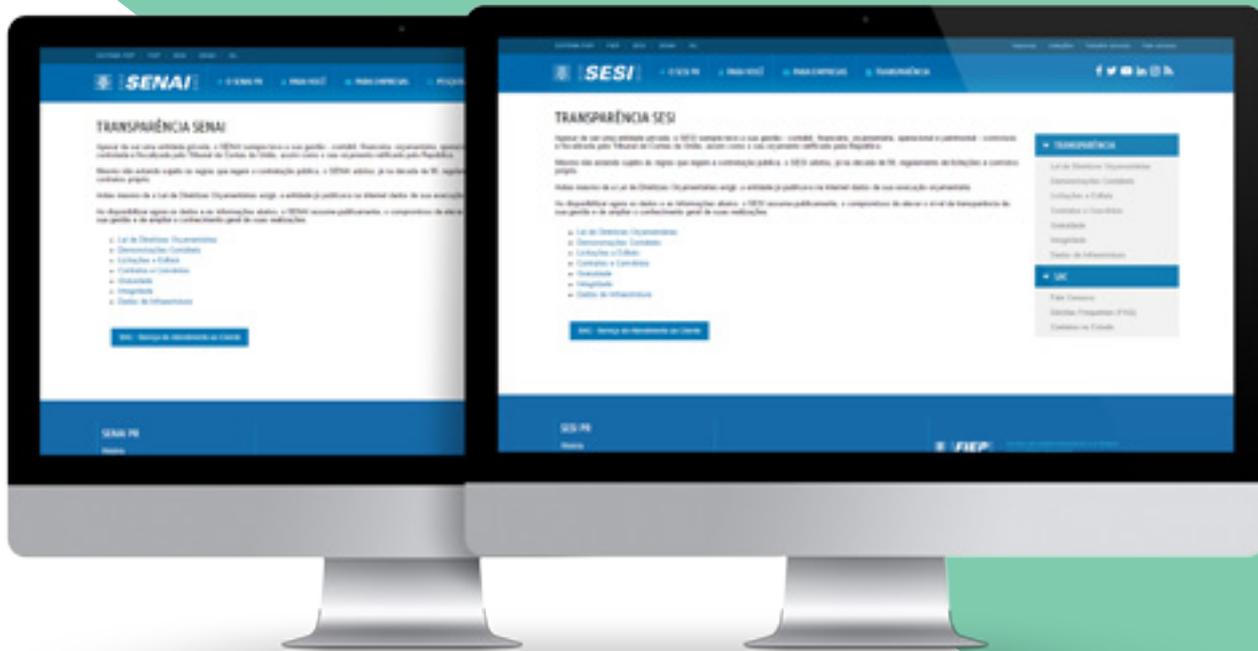
SIM

NÃO

REVEJA O SEU PLANEJAMENTO DE PRESEÇA ONLINE

VOCÊ TÊM AS CONDIÇÕES MÍNIMAS NECESSÁRIAS PARA UMA PRESEÇA ONLINE.





COMPLIANCE

Transparência elevada

Sesi e Senai reforçam o compromisso com a sociedade ao ampliar o acesso às informações

por Juliano Pedrozo

Em meio aos casos de corrupção envolvendo o poder público e a iniciativa privada, ampliar a transparência nas organizações tem se tornado prioridade para reforçar o compromisso com a sociedade. É por isso que os Departamentos Nacionais do Sesi e do Senai, em parceria com os Departamentos Regionais, reformularam os sites e ampliaram o acesso às informações. A elevação do nível de transparência também será feita nas demais entidades integrantes do “Sistema S”.

A reformulação faz parte do compromisso firmado em um acórdão do Tribunal de Contas da União (TCU), que recomendou às entidades do “Sistema S” a divulgação detalhada de receitas, despesas, demonstrações contábeis, licitações, contratos, entre outros dados.

Apesar de serem entes paraestatais não integrantes da administração pública, Sesi e Senai prestam serviços considerados de interesse público e, por isso, estão sujeitos à fiscalização do Estado. Há também o controle externo realizado pelo TCU, que avalia o uso correto dos recursos dentro da previsão constitucional.

Fortalecendo a imagem pessoal nas redes sociais

No Paraná é possível localizar as informações de Sesi e Senai nos endereços sesipr.org.br/transparencia e senai.org.br/transparencia. Até 2018, outras ferramentas serão implementadas para a consulta da sociedade.

Padronização

Para atender a recomendação do TCU, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) se organizou com os Departamentos Regionais para padronizar o modelo do novo site da transparência em cada Estado. Para o então ministro da Transparência, Fiscalização e Controladoria Geral da União, Torquato Jardim, ampliar a divulgação dos dados é fundamental para garantir a lisura da instituição perante a sociedade. “É melhor para o investigador, para o pesquisador, para a imprensa e para a opinião pública em geral”, ressalta.

Ao ampliar o acesso às informações, Sesi e Senai reforçam as práticas já existentes dentro do Sistema Fiep. Em sua estrutura de governança corporativa há uma Auditoria Interna que, recentemente, incorporou a Gerência de Riscos e Compliance. Do ponto de vista de controle externo, as demonstrações contábeis são auditadas por auditores independentes.

“ É MELHOR PARA O INVESTIGADOR, PARA O PESQUISADOR, PARA A IMPRENSA E PARA A OPINIÃO PÚBLICA EM GERAL. ”



TORQUATO JARDIM, EX-MINISTRO DA TRANSPARÊNCIA, FISCALIZAÇÃO E CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO.

“ À MEDIDA QUE OS CUSTOS DA CORRUPÇÃO AUMENTAM, HÁ UM INCENTIVO PARA QUE EMPRESÁRIOS E EMPRESAS ADOTEM PRÁTICAS DE COMPLIANCE, COM O OBJETIVO DE EVITAR NÃO SÓ QUE A CORRUPÇÃO SEJA PRATICADA NO TOPO DA ATIVIDADE EMPRESARIAL, MAS TAMBÉM PELO EMPREGADO, AINDA QUE SEM O CONHECIMENTO DO DONO DA EMPRESA. ”



DELTAN DALLAGNOL, PROCURADOR DA REPÚBLICA E COORDENADOR DA FORÇA-TAREFA DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL NA OPERAÇÃO LAVA JATO.

Compliance

Ao aderir a programas de compliance, as empresas evitam a corrupção em todos os níveis hierárquicos. A opinião é do procurador da República e coordenador da força-tarefa do Ministério Público Federal na Operação Lava Jato, Deltan Dallagnol. “À medida que os custos da corrupção aumentam, há um incentivo para que empresários e empresas adotem práticas de compliance, com o objetivo de evitar não só que a corrupção seja praticada no topo da atividade empresarial, mas também pelo empregado, ainda que sem o conhecimento do dono da empresa.” ■



Crédito: celsion Bampi

TENDÊNCIA

Um novo jeito de trabalhar

Empresas apostam em espaços mais interativos e serviço remoto para ter produtividade e economia

por Denise Morini

O desemprego no Brasil vem batendo recordes. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice chegou a 13,2% entre dezembro (2016) e fevereiro (2017). Janeiro foi o 22º mês consecutivo com redução de vagas com carteira assinada.

O cenário que se desenha tem levado algumas empresas a repensarem a rotina de trabalho de seus colaboradores. Uma pesquisa realizada com mais de 300 empresas de todo o Brasil, pela SAP Consultoria, entre 2015 e 2016, revelou que o teletrabalho é uma prática que cresce no país como alternativa à crise. Oitenta por cento das empresas avaliadas implantaram home office nos últimos cinco anos. O estudo mostrou também que 66% das entrevistadas entendem que a modalidade é uma ferramenta para enfrentar épocas de crise econômica.

O fenômeno vem sendo estudado em Curitiba pelos criadores do Instituto Trabalho Portátil, André Brik e Marina Sell. Segundo os especialistas, há perfis de empresas mais propensos a adotarem o home office, como da área de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), e há setores dentro de estruturas maiores que também aderiram à prática – como Vendas – “geralmente em busca de redução (ou de custos operacionais ou de seu espaço de escritório)”, explica Brik.

Foi o que levou a empresa de Tecnologia da Informação Tecnospeed, de Maringá, a apostar no teletrabalho. A organização percebeu que não podia mais manter a rotina de reforma ou mudança de endereço a cada novo crescimento da equipe. Foram quatro ampliações. “Além disso, estamos no interior e havia carência de mão de obra na cidade. Precisávamos pensar em novas formas de expansão, viáveis para a empresa e para o colaborador”, conta o CEO, Erike Leite de Almeida, ao se lembrar de um dos funcionários que morava em Colorado e viajava 120 quilômetros por dia para trabalhar.

A companhia, que hoje desenvolve componentes de software, se reestruturou para elaborar uma rotina de home office, com apoio de consultoria de recursos humanos e com sua área jurídica. Atualmente, 20% da equipe técnica desenvolve suas funções fora da sede da Tecnospeed. “Para dar início ao teletrabalho, fazemos alguns testes com o candidato porque entendemos que nem todos querem ou têm perfil. Quando identificamos

O teletrabalho ou trabalho remoto, significa literalmente, trabalho à distância. Concretamente, trata-se de uma forma de trabalho que é realizada fora do escritório da empresa ou em domicílio, de maneira integral ou periódica, através das chamadas tecnologias móveis (Ex.: internet, celulares, smartphones, notebooks, tablets).

a possibilidade, mantemos o colaborador por seis meses no escritório, treinando-o durante este período, para que só então ele passe a trabalhar de casa”, conta Vanessa Viana, gestora de Recursos Humanos da organização. Para o CEO, o programa tem trazido bons resultados porque está embasado em meritocracia. “A remuneração é por produção, o que incentiva o colaborador. Diria que o home office é a nossa cereja do bolo”, avalia Almeida.

A desenvolvedora Ana Paula da Costa foi aprovada para o programa há três anos e lista os motivos que a fazem preferir a modalidade. “Moro com meus pais, mas eles trabalham fora. Com isso, passo o dia produzindo. Quando minha mãe chega, faço um intervalo e tomo um café da tarde com ela. Além disso, troquei os deslocamentos para o escritório por aulas na academia, aqui perto de casa. Minha qualidade de vida melhorou muito e estou muito feliz com minhas rotinas”, conta.

Segundo a especialista Marina Sell, questões como produtividade e qualidade de vida do trabalhador aparecem como prioridades da empresa quando se opta pelo teletrabalho. Ela reafirma que o sonho de produzir em casa não é para todos. Segundo a pesquisadora, a produção não pode ser movida a chefe. “Com o home office a produtividade chega a aumentar até 20%, segundo as estatísticas. Mas se esse colaborador não está preparado, ou não é voluntário para o programa, esse rendimento pode até cair. Para funcionar, é preciso ter proatividade e autonomia. Por isso que é mesmo uma relação de confiança entre empresa e trabalhador”, justifica.

“ COM O HOME OFFICE, OS LÍDERES ESTÃO PERCEBENDO QUE É NECESSÁRIO ARREDONDAR ESSA BOLA [DAS TAREFAS] ANTES DE PASSAR PARA O COLABORADOR – O QUE OS TORNA MELHORES GERENTES. ”

ANDRÉ BRIK, ESPECIALISTA EM HOME OFFICE E CRIADOR, COM MARINA SELL, DO INSTITUTO TRABALHO PORTÁTIL.

Desafios e pontos de atenção

Segundo Brik, um dos grandes desafios para a expansão do home office no Brasil é a questão cultural. “Para o modelo brasileiro, é mais importante o monitoramento do processo do que a gestão da meta. Mas isso já está mudando. Os gestores estão acostumados a lançar uma tarefa e a acompanhar isso ao longo do tempo (às vezes até informalmente, no cafezinho). Com o home office, os líderes estão percebendo que é necessário arredondar essa bola antes de passar para o colaborador – o que os torna melhores gerentes”, avalia, apontando também a improvisação como uma dificuldade. “Algumas empresas jogam seus colaboradores para trabalhar remotamente sem uma capacitação. E aí podem surgir problemas com relação ao espaço de trabalho em casa, à comunicação com a empresa, problemas familiares. É preciso haver preparo do colaborador, do gestor, do espaço onde ele vai atuar remotamente e às vezes até da família deste trabalhador”, explica.

Há regras também para os gestores de uma equipe que faz home office, como por exemplo não fazer contato após o horário de expediente (o que geraria hora extra), nem durante o período de férias, o que pode originar processos trabalhistas. “Esse é o grande diferencial do trabalho remoto formalizado. Você tem acordos entre o colaborador e a empresa registrados em documentos, com regras bem desenhadas para quem contrata e para quem desempenha o trabalho”, avalia o especialista.

Novos moldes para quem fica

Com o crescimento do home office, a tendência é que a sede da empresa seja cada vez mais um local para o compartilhamento de informações e troca de experiências. Por isso, a ambientação destes espaços também vem se transformando.

A arquiteta curitibana Luíze Bussi vem estudando este movimento para aplicar em seus projetos corporativos. “Há alguns pontos a serem observados: A tecnologia está se tornando o componente mais barato de trabalho e as pessoas o mais caro. O trabalho está se tornando cada vez mais baseado no conhecimento. Para aumentar a produtividade é necessário melhorar a colaboração e, por causa disso, as organizações terão de criar um novo equilíbrio entre espaços coletivos e individuais. Esse é o grande ponto de virada”, contextualiza Bussi.

De acordo com uma pesquisa liderada pelo psicólogo organizacional Cary Cooper, publicada em 2015, os cinco elementos mais desejáveis em um ambiente de trabalho são iluminação natural (44%), plantas e flores (20%), escritório silencioso e tranquilo (19%), vista para uma paisagem aquática (17%) e cores vibrantes (15%). O relatório, conhecido como Human Spaces, foi realizado em 16 países ao redor do mundo, com 7.600 trabalhadores, e revelou que há um aumento de 15% na criatividade entre as pessoas que atuam em locais com elementos naturais.

A arquiteta buscou referências na neurociência para entender o impacto do ambiente nas reações humanas. “Em contato com a natureza, entra em ação o sistema parasimpático, responsável pelas funções de relaxamento do corpo. Sem o contraponto e com a superestimulação do sistema simpático, o indivíduo pode sofrer aumento dos batimentos cardíacos e da pressão arterial, entre outros incômodos”, explica a especialista.

Outra tendência nos ambientes corporativos é a mobilidade, segundo a arquiteta. “Mais pessoas estão trabalhando em lugares diversos e não exclusivamente em suas mesas. Até porque as empresas que optam por home office não têm a necessidade de manter estações de trabalho fixas para cada colaborador. Se você tem uma reunião com um fornecedor na terça-feira no escritório, por exemplo, você vai até o local e ocupa o espaço disponível. Além

A Biofilia, conceito popularizado por Edward O. Wilson em 1984, descreve a relação inata entre o homem e a natureza, além de tratar da necessidade que temos de permanecer conectados a ela. Muitas pesquisas confirmam a preferência humana pelo ambiente natural ao invés do construído.



disso, neste modelo de distribuição espacial, as estruturas hierárquicas ficam mais diluídas com as estações lineares, que permitem uma comunicação mais frequente e maior compartilhamento de informações do gestor com a equipe. Melhorando a colaboração, mais uma vez aumenta-se a produtividade”, relata.

Daniel Caiado, um dos fundadores da Hyperion Empreendimentos e Incorporações, adotou a ideia do espaço compartilhado. Sua estação de trabalho é junto a seus colaboradores. A ideia de fazer diferente está no DNA da marca, que entendeu como sua missão propor “experiências extraordinárias ao alcance de todos”. Para transmitir isso em sua forma de atuar, é importante que todos se sintam muito à vontade na casa onde trabalham. Há estações de trabalho com vista para o jardim e muitas vezes as reuniões são feitas ao ar livre, no gramado que cerca a construção. Nas estações de trabalho há objetos pessoais e a decora-

ção é feita pelos próprios colaboradores. “Há uma pressão grande e o lugar deu muito certo porque não tem cara de corporativo. De certa forma é um contraponto para o estresse diário. Um dia ainda estaremos todos em um mesmo ambiente, porque quando discutimos juntos um projeto, as coisas funcionam muito melhor”, planeja o CEO.

Para os colaboradores, com média de idade de 25 anos, o ambiente de trabalho é a definição perfeita de segunda casa. De tempos em tempos, eles realizam uma noite de games dentro do escritório. Em vez de voltar para casa para se reunir com amigos às sextas, eles preferem se divertir no ambiente de trabalho. “Todos moramos em apartamentos e no trabalho temos a experiência de vivência em uma casa”, conta o analista de marketing Victor Caetano, revertendo o conceito mais tradicional de ambiente de trabalho e incorporando a essência da empresa, que já entregou 50 obras em 7 anos de existência. ■



Crédito: Chris Sautó

“A TECNOLOGIA ESTÁ SE TORNANDO O COMPONENTE MAIS BARATO DE TRABALHO E AS PESSOAS O MAIS CARO. PARA AUMENTAR A PRODUTIVIDADE É NECESSÁRIO MELHORAR A COLABORAÇÃO E, POR CAUSA DISSO, AS ORGANIZAÇÕES TERÃO DE CRIAR UM NOVO EQUILÍBRIO ENTRE ESPAÇOS COLETIVOS E INDIVIDUAIS. ESSE É O GRANDE PONTO DE VIRADA.”

LUÍZE BUSSI, ARQUITETA CURITIBANA QUE APLICA EM SEUS PROJETOS CORPORATIVOS CONCEITOS DA TENDÊNCIA DO SERVIÇO REMOTO.



SÉRIE POLO INDUSTRIAL

PAPEL E CELULOSE

Referência em inovação

Alta tecnologia, modernidade e diversificação são os diferenciais do parque industrial papelero do Paraná

por Elvira Fantin

Inovação, alta tecnologia e diversidade. Estas são as características que diferenciam o setor de papel, celulose, embalagens e artefatos de papel do Paraná dos demais Estados brasileiros. É o Estado que melhor representa a indústria de base florestal do Brasil e possui um dos parques mais diversificados do setor, com empresas de todos os segmentos, segundo Elizabeth Carvalhaes, presidente da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), associação que representa a cadeia produtiva de árvores plantadas, do campo à indústria.

A líder do setor destaca também o fato de o Paraná possuir florestas de pinus e eucalipto, o que não é comum. A característica favorece o Estado, especialmente porque o eucalipto tem um período de produção mais rápido e fornece a celulose branca, produto mais nobre em relação à celulose escura, fornecida pelo pinus.

Ter indústrias de todos os segmentos protege o setor de crises. Se um vai mal o outro compensa. “Nosso setor é um dos cinco principais da indústria paranaense e vem trabalhando com estabilidade, não sendo tão impactado por situações econômicas adversas”, observa Rui Brandt, presidente do Sindicato da Indústria do Papel, Celulose, Embalagens e Artefatos de Papel do Paraná (Sinpacel). “Se a nossa indústria fosse focada num único segmento, em papel para impressão, por exemplo, sentiríamos mais os efeitos da crise”, acredita.

A afirmação de Brandt é contextualizada pelo Panorama Setorial da Indústria de Celulose, Papel, Embalagens e Artefatos de Papel, elaborado pela Fiep em parceria com o Sinpacel. O estudo mostra, entre outros dados, o desempenho do setor nos últimos anos. Enquanto as vendas de papéis para impressão acumularam queda de 3,9% desde 2012, os papéis destinados a embalagens e fins sanitários apresentaram bom desempenho no período, com crescimento de 1,8% e 7,3%, respectivamente.

Investindo na diversificação

De olho neste nicho, a paranaense Sepac Serrados e Pasta de Celulose decidiu inovar e entrar no ramo de fraldas descartáveis, lançando em maio último a marca Baby Boo, que veio para competir com as já tradicionais do varejo. Líder em papéis sanitários no Sul do Brasil e detentora das marcas Duetto, Paloma, Maxim e Stylus, a indústria, há 40 anos no mercado, está se reinventando.

“Sentimos a necessidade de diversificar e percebemos que o mercado de fraldas descartáveis, embora bastante competitivo e difícil, seria possível”, afirma Oswaldo Ramos Junior, gerente regional de vendas da Sepac. A indústria entra no segmento com uma parceria com outra, cuja identidade não é revelada por razões estratégicas. Este parceiro será o responsável pela fabricação das fraldas durante dois anos, prazo para que a Sepac construa sua própria unidade fabril específica para este fim.

Quarta maior fabricante de papel tissue do Brasil, a Sepac cresceu 22% em 2016, chegando a um faturamento anual de R\$ 735 milhões. Nos dois últimos anos investiu R\$ 120 milhões, reformulando todo o seu parque fabril. A indústria tem capacidade de produção de 10,5 mil toneladas por mês de



Crédito: Divulgação

MICHEL TELÓ NO LANÇAMENTO DAS FRALDAS DESCARTÁVEIS BABY BOO, EM MAIO DESTE ANO. A INICIATIVA É UMA DAS INOVAÇÕES DA SEPAC SERRADOS E PASTA DE CELULOSE, ACOMPANHANDO O CRESCIMENTO DE 7,3% DOS PAPÉIS COM FINS SANITÁRIOS.

papel higiênico, papel-toalha e guardanapo. Destina 98% de sua produção para o mercado interno, exportando apenas 2% para os países do Mercosul. Intensificar as vendas externas, com abertura de novos mercados, faz parte dos planos futuros da empresa.

A indústria é a principal fonte de renda e geração de empregos do pequeno município de Mallet, no Sul do Paraná, onde está instalada sua única fábrica. Ela responde por 40% dos empregos da região, com 860 postos diretos e quase 2 mil indiretos.

OSWALDO RAMOS JUNIOR, GERENTE REGIONAL DE VENDAS DA SEPAC, REVELA QUE O INVESTIMENTO NA ÁREA DE FRALDAS DESCARTÁVEIS VEM PARA SUPRIR UMA NECESSIDADE DA EMPRESA EM INVESTIR EM DIVERSIFICAÇÃO DOS SEUS PRODUTOS.



Crédito: Divulgação



Crédito: Geilson Bampi

Embalagens, termômetro da economia

Outro segmento que resiste à crise é o de embalagens. As vendas de embalagens de papelão ondulado, consideradas termômetro da economia, tiveram um crescimento no país de 5,16% no primeiro trimestre deste ano em comparação ao mesmo período do ano passado, de acordo com dados da Associação Brasileira de Papelão Ondulado (ABPO).

A mesma associação prevê para o ano de 2017 um crescimento de 2,3%. “Tomara que os números continuem surpreendendo”, diz Samuel Leiner, proprietário da Embrart, indústria paranaense de embalagens, com sede em Curitiba. O industrial diz que, embora o setor seja bastante diversificado no Paraná, atende principalmente ao consumo interno e, portanto, está sujeito aos altos e baixos da economia. Para ele, o mercado retraído é o grande entrave.

“São empresas que exigem grandes investimentos, portanto têm que ter mercado comprador. Temos que aguardar a retomada do crescimento para executar um plano de negócio viável”, analisa. Segundo o industrial, no momento a visão é para o mercado externo, onde se observa uma grande necessidade de celulose, produto cujo custo de produção no Brasil é muito competitivo.

Alta produtividade e preço competitivo

A celulose brasileira é a que tem o preço mais competitivo em termos mundiais. Isso se deve principalmente ao menor custo de produção por causa do clima favorável do país, da biotecnologia e da engenharia genética, que favorecem a produtividade, superior quando comparada com os demais países produtores.

Para a produção de 1,5 milhão de toneladas de celulose, no Brasil são requeridos 140 mil hectares de madeira, enquanto na Escandinávia e China são necessários 720 mil e 300 mil hectares, respectivamente. Além disso, o eucalipto, principal fibra da celulose brasileira, leva em média 7 anos para crescer, enquanto que o pinus leva de 15 a 20 anos.

De acordo com Elizabeth Carvalhaes, o Brasil é o país mais avançado do planeta em genética arbórea. As plantações são por clonagens e o Brasil é proprietário intelectual dos melhores clones do mundo. “Um bom clone é o que oferece mais metragem cúbica por hectare”, explica a especialista.

“ TOMARA QUE OS NÚMEROS CONTINUEM SURPREENDENDO. TEMOS QUE AGUARDAR A RETOMADA DO CRESCIMENTO PARA EXECUTAR UM PLANO DE NEGÓCIO VIÁVEL. ”



Crédito: Geilson Bampi

SAMUEL LEINER, PROPRIETÁRIO DA PARANAENSE EMBRART, SOBRE O CRESCIMENTO DE 2,3% PREVISTO PARA 2017.

Paraná possui a indústria de celulose mais moderna do mundo

Um dos maiores avanços do setor no Brasil se deu com a inauguração, em março de 2016, da unidade Puma, nova fábrica do Grupo Klabin, em Ortigueira, no Paraná. É a mais moderna fábrica de celulose do mundo. Com ela, o Brasil passou a segundo maior produtor mundial de celulose, ultrapassando Canadá e China, de acordo com informações da IBÁ.

Foram investidos R\$ 8,5 bilhões, o maior investimento privado da história do Estado. Com a nova fábrica, a Klabin se torna a única empresa do Brasil a oferecer, simultaneamente, celulose de fibra curta, celulose de fibra longa e celulose fluff, usada em produtos absorventes, como fraldas e lenços.

“A produção de mais de um tipo de celulose já diferencia a Klabin como uma empresa de solução em fibras”, destaca Francisco Razzolini, diretor executivo de Tecnologia. Segundo ele, os investimentos e a diversidade de produtos foram decisivos para garantir a competitividade da empresa e assegurar o crescimento.

“Apesar das condições adversas da atividade econômica doméstica e grande volatilidade cambial, a Klabin manteve seu ritmo de crescimento dos últimos anos, com alta em 2016 de 16% em seu Ebitda (lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização)”, informa Razzolini. ■

O SETOR EM NÚMEROS (*)

	470 indústrias
	R\$ 8,3 bilhões em valor de produção (12% do Brasil)
	22 mil empregos gerados
	R\$ 423 milhões em salários pagos
	11,4% da base florestal do Brasil

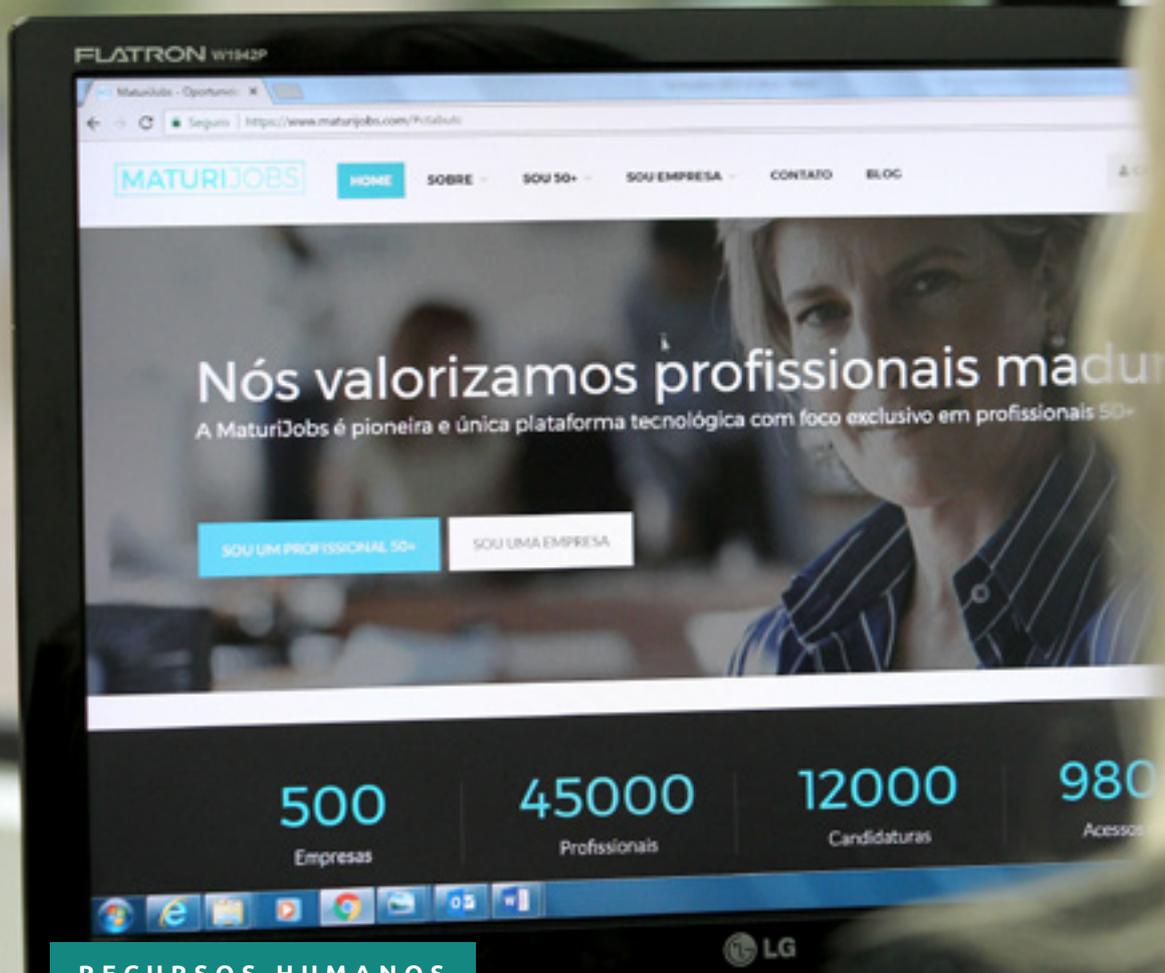
(*) OS NÚMEROS SÃO DE 2016 E REFEREM-SE À INDÚSTRIA DE PAPEL, CELULOSE, EMBALAGENS E ARTEFATOS DE PAPEL DO PARANÁ.
FONTE: PANORAMA SETORIAL DA INDÚSTRIA DO PAPEL, CELULOSE, EMBALAGEM E ARTEFATOS DE PAPEL.

PESQUISA PARA APOIAR AS EMPRESAS

O Sistema Fiep, por meio do Instituto Senai de Tecnologia (IST) em Papel e Celulose, apoia as indústrias do setor. Com sede em Telêmaco Borba, o IST mantém várias linhas de pesquisas. Um dos estudos resultou na celulose a partir de esterco bovino, ideia que surgiu do empresário Alexandre Guedes, proprietário da BBA, especializada na construção de unidades de tratamentos de dejetos.

“Atuo na região de Castro, maior produtora de leite do país e, em consequência, maior produtora de esterco bovino. O esterco em excesso se torna um problema ambiental”, observa Guedes. “Rico em fibras, o produto poderia se transformar em papel”, imaginou o empresário. Para certificar a sua tese ele procurou a equipe do IST.

“Após três anos de estudo se chegou ao produto final. Uma fibra viável para a fabricação de qualquer tipo de papel”, conta Geraldo Coelho, pesquisador do IST. Segundo ele, uma indústria com capacidade para processar 100 toneladas de esterco por dia demandaria um investimento R\$ 16 milhões e resultaria numa receita mensal de R\$ 8,8 milhões. “Em seis anos o investimento se pagaria”, afirma o pesquisador. O empresário já detém a patente do produto e a intenção é instalar uma fábrica utilizando a tecnologia desenvolvida.



RECURSOS HUMANOS

MATURIJOBS: A PLATAFORMA REÚNE CANDIDATOS COM MAIS DE 50 ANOS E EMPRESAS QUE OFERECEM VAGAS, DE VOLUNTARIADO E EMPREGO FORMAL, PARA ESSES TRABALHADORES.

Longa vida no trabalho

Com mudanças no perfil demográfico do Brasil, o mercado precisará evoluir para atender ao imenso contingente de trabalhadores com mais de 60 anos

por Denise Morini

O Brasil tem expectativa média de vida de 75 anos, segundo informações divulgadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Somado a isso, o País vai passar por uma agressiva mudança em seu perfil populacional, o que deverá alterar sua pirâmide etária em pouco tempo. A previsão para 2060 é de que apenas 15% da população brasileira será de jovens entre 15 e 29 anos. Em 1991, esse percentual era de 28%.

Se o assunto for pensado de uma perspectiva internacional, este é um tema que nos colocará em evidência muito antes disso. Em 2025, o Brasil será o sexto do mundo em número de idosos, quando deve alcançar a marca de 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos.



As estatísticas mostram que o mercado de trabalho precisará evoluir para essa iminente realidade. Na publicação “Política Nacional do Idoso – novas e velhas questões”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a questão do trabalho é tratada em alguns capítulos. O jornalista especialista no tema Jorge Felix é um dos colaboradores do livro e apresenta sua teoria de economia da longevidade. Segundo o autor, há mais idosos trabalhando, mas há menos postos de trabalho que o desejável – um gap de 12%.

De acordo com Felix, essa lacuna foi criada pela globalização e o cenário só poderá ser revertido com políticas e movimentos que promovam a industrialização do Brasil. “Você precisaria de uma mudança estrutural na economia e ao mesmo tempo na relação das empresas com este novo perfil demográfico, com iniciativas de melhor integração do idoso no mercado de trabalho. Se o quadro econômico geral continuar com desindustrialização, com câmbio desfavorável e sem a atenção necessária para a transição para a indústria 4.0, estaremos atuando apenas na economia paliativa, que não quer resolver o problema”, sentencia o estudioso, que acredita que o Brasil poderá retornar à situação anterior à Constituição de 1988, quando a velhice era sinônimo de pobreza, segundo preceitos da Organização das Nações Unidas (ONU), com pessoas que sobrevivem com apenas dois dólares por dia.

“Pode soar estranho falarmos em entrada de pessoas idosas no mercado de trabalho nesse momento de desemprego no país. Mas é um tema que merece nossa atenção desde já, porque o envelhecimento da população brasileira é uma realidade próxima”, alerta Noélly Mercer, coordenadora técnica do Instituto Sesi de Inovação em Longevidade e Produtividade, destacando que é importante trabalhar com a construção de bons hábitos, para

“SE O QUADRO ECONÔMICO GERAL CONTINUAR COM DESINDUSTRIALIZAÇÃO, COM CÂMBIO DESFAVORÁVEL E SEM A ATENÇÃO NECESSÁRIA PARA A TRANSIÇÃO PARA A INDÚSTRIA 4.0, ESTAREMOS ATUANDO APENAS NA ECONOMIA PALIATIVA, QUE NÃO QUER RESOLVER O PROBLEMA.”

JORGE FELIX, JORNALISTA ESPECIALISTA EM IDOSOS E CRIADOR DA TEORIA DE ECONOMIA DA LONGEVIDADE.

se chegar aos 60 anos com qualidade de vida. “Percebemos que só havia produtos e serviços voltados à aposentadoria do trabalhador e não à sua permanência. O problema é que há muitos estereótipos em nosso mercado – falta de produtividade e o desestímulo entre as pessoas de mais idade estão nesta lista. Outra leitura errada é pensar que a inovação está relacionada apenas aos mais jovens”, lamenta.

Para a consultora em RH e comunicação Solange Vilella é exatamente da combinação de gerações que poderão surgir boas surpresas. “O capital intelectual é o maior patrimônio que uma empresa pode ter. A grande maioria das geradoras de empregos equivocadamente se ao descartar colaboradores mais velhos e experientes, pois não se dão conta do quanto suas experiências são valiosas para a resolução de problemas de produtividade”, defende a consultora, que incentiva a troca entre gerações. “Sem diversidade a visão de uma organização fica limitada e muito parcial. As empresas devem encontrar o equilíbrio entre as gerações e prezar por uma visão que englobe todas as faixas etárias”, acredita.



SOLANGE VILELLA, CONSULTORA EM RH E COMUNICAÇÃO: “AS EMPRESAS DEVEM ENCONTRAR O EQUILÍBRIO ENTRE AS GERAÇÕES E PREZAR POR UMA VISÃO QUE ENGLOBE TODAS AS FAIXAS ETÁRIAS”.

Começando do zero aos quarenta

O morador de Castro, nos Campos Gerais, Davi Castanho, de 43 anos, é um exemplo de trabalhador que decidiu mudar o rumo de sua carreira em uma fase já mais madura da vida. Com 38 anos, trabalhando em sua pequena propriedade rural e uma situação financeira mais estável, ele decidiu finalmente correr ao encontro do sonho de uma vida – cursar Direito.

Porém, há pouco mais de um ano, com a crise econômica e o compromisso assumido com a faculdade, ele precisou readequar sua trajetória para manter o plano de carreira. Para isso, resolveu se candidatar a uma vaga na linha de produção de linguiças frescal na Castrolanda. “Sempre tive esse sonho de estudar Direito e agora, quase terminando o curso, não poderia abandonar esse plano. Fiquei muito feliz com a possibilidade de trabalhar em uma empresa e, agora, de ter conseguido apoio para estagiar em minha área, aqui mesmo, na cooperativa, com 43 anos. Temos que correr atrás dos objetivos da gente. É isso o que penso. Nunca é tarde para começar”, conta o estudante que pretende continuar seus estudos para se tornar juiz.



DAVI CASTANHO, ESTUDANTE, NO SETOR EM QUE FAZ ESTÁGIO NA CASTROLANDA.



NOÉLLY DEFENDE QUE OS TRABALHADORES MAIS SENIORES TENHAM UM OUTRO PAPEL DENTRO DA ORGANIZAÇÃO: “DEVEM ESTAR MAIS RELACIONADOS À ESTRATÉGIA DO NEGÓCIO E À MENTORIA, COM UMA JORNADA DIFERENCIADA”.

Durante os cinco meses em que estagiou na Área de Contratos da Castrolanda, Castanho pode entender melhor alguns processos que não tinha conhecimento em sua rotina. A Business Partner de Recursos Humanos da unidade, Bety Fagundes, conta que a empresa tem como uma de suas premissas valorizar seus colaboradores. “Entendemos que há algumas ações que vinculam mais o trabalhador à empresa. Dar a oportunidade de desenvolvimento gera reconhecimento por parte do colaborador, que passa a ver seu local de trabalho de outra forma. Além disso, os conhecimentos tão distintos das áreas em que ele atuou – linha de produção e setor administrativo – seguramente darão ao Davi um olhar diferenciado sobre o funcionamento da Castrolanda como um todo”, completa.

Nova realidade, novas regras

Noélly Mercer também defende a revisão da forma de atuar dos colaboradores com mais de 60. “Eles devem ter um outro papel dentro da organização, mais relacionado à estratégia do negócio e à mentoria. Com isso, esse expert vai negociar com seu gestor qual deverá ser sua jornada no ambiente de trabalho – de quatro ou seis horas – para compartilhar sua experiência com times mais jovens”, avalia a especialista, que destaca a inteligência emocional como um dos maiores diferenciais do colaborador com mais idade. “Ele tem equilíbrio e sabe usar isso em situações de conflito no ambiente de trabalho, por causa de sua maturidade. O sênior não tem a ansiedade que muitas vezes o mais novo tem em momentos mais tensos. Ele atua com cautela maior e entende os novos contextos”, defende.

Atenta a todos esses diferenciais, nasceu a MaturiJobs, uma plataforma que conecta pessoas com mais de 50 anos a oportunidades de trabalho – de voluntariado a empregos formais. O fundador da startup, Mórris Litvak, conta que a ideia surgiu ao ver sua avó, de 82 anos, adoecer ao ter que deixar de trabalhar. O voluntariado dava a ela um sentido maior à sua vida, segundo o empreendedor. Quando caiu na calçada e ficou machucada, decidiu que era hora de parar, mas sem planejamento – o que a levou a adoecer.

O episódio levou Litvak a pensar em soluções que pudessem integrar idosos. Até que em 2016 lançou a MaturiJobs, que tem hoje 42 mil pessoas cadastradas em todo o Brasil. “Conseguimos cadastrar vagas de 450 empresas em apenas um ano, sem investir um centavo em marketing”, conta satisfeito o empresário,



MÓRRIS LITVAK CRIOU A PLATAFORMA MaturiJobs, HOJE COM 42 MIL PESSOAS CADASTRADAS EM TODO O PAÍS, APÓS PERCEBER EM SUA AVÓ, KEILA, A NECESSIDADE DE INTEGRAR OS IDOSOS NO MERCADO DE TRABALHO.

“ SÓ MUDAREMOS ESSE PRECONCEITO CONTRA PESSOAS COM MAIS IDADE DERRUBANDO MITOS DE QUE OS MAIS VELHOS SÃO MAIS DESATUALIZADOS, MAIS LENTOS E MAIS CAROS. ”



MÓRRIS LITVAK,
FUNDADOR
DA STARTUP
MATURIJOBS.

que percebeu a necessidade de tratamento diferenciado para os excluídos do mercado de trabalho por causa da idade. “Só mudaremos esse preconceito contra pessoas com mais idade derrubando mitos de que os mais velhos são mais desatualizados, mais lentos e mais caros”, avalia Litvak, que tem conseguido o apoio de empresas atentas a esse contingente de trabalhadores – no geral, empresas com projetos consolidados de responsabilidade social, de diversidade ou que têm o idoso como público final de seus produtos. As vagas de emprego cadastradas com mais frequência na MaturiJobs são para vendas, atendimento ao cliente e gestão.

A questão do alto custo do sênior também é questionada por Noélly Mercer. “A empresa demite para reduzir sua folha de pagamento. Muitas vezes, esse profissional experiente e com tempo de casa é substituído por dois juniores. Mas frequentemente esses desligamentos acabam gerando queda na produção e até muito retrabalho. Tivemos relatos assim dos setores moveleiro e mineral. Isso é a prova clara de que só a prática ensina coisas que você não vivencia na teoria”, avalia, com uma lista de características desejáveis nos profissionais mais velhos que têm mais aceitação do mercado: “São aqueles que estão atentos a novos movimentos e que, além de bagagem, são abertos a inovações e a novas formas de trabalho, como o home office”, conclui. ■



Crédito: Gelson Bampi

SUSTENTABILIDADE

UM QUINTO DO LIXO PRODUZIDO NO BRASIL É COMPOSTO POR EMBALAGENS, SEGUNDO O MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE

Iniciativa ímpar

Indústria ganha Instituto Paranaense de Reciclagem (Inpar), voltado a soluções para a destinação correta de embalagens descartadas

da Redação

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, um quinto do lixo produzido no Brasil é composto apenas por embalagens – por dia, o equivalente a 25 mil toneladas.

O dado é alarmante e a indústria está se mobilizando para reduzir esse volume, junto a parceiros e a todos os envolvidos na cadeia de consumo. Com a publicação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, em 2010, alguns setores começaram a se organizar para repensar o ciclo de vida do produto – que muitas vezes vem ou é vendido para outros Estados, ou ainda que é importado.

Instituída pela Lei 12.305/2010 e regulamentada pelo Decreto 7.404/2010, a Política Nacional de Resíduos Sólidos considera que os fabricantes, importadores, distribuidores, comerciantes, consumidores e o poder público possuem responsabilidade compartilhada pelos resíduos resultantes do pós-consumo dos produtos.

No Paraná, foi inaugurado recentemente o Instituto Paranaense de Reciclagem (Inpar), com a missão inicial de reduzir o descarte de embalagens do setor de alimentos. O projeto foi viabilizado com a união de seis sindicatos – Sindicato das indústrias de cacau e balas, massas alimentícias e biscoitos de doces e conservas alimentícias do Paraná (Sincabima), Sindicato da indústria de carnes e derivados no Estado do Paraná (Sindicarne), Sindicato das indústrias de produtos avícolas do Estado do Paraná (Sindiavipar),

Sindicato da indústria de torrefação e moagem de café no Estado do Paraná (Sinduscafé), Sindicato da indústria do trigo no Estado do Paraná (Sinditrigo) e Sindicato da indústria de panificação e confeitaria no Estado do Paraná (Sipcep) – e o apoio da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep). De acordo com o presidente do Inpar, Rommel Barion, a proposta cresceu e o instituto está disponível também para atender a outros setores que utilizem embalagens em seus produtos finais. “O instituto está desenvolvendo uma metodologia com a consultoria de uma entidade europeia privada, sem fins lucrativos, Sociedade Ponto Verde, que nos dará apoio técnico de como desenvolver um trabalho em que poderemos atender à necessidade de sustentabilidade da indústria. A responsabilidade com essa legislação é muito grande e deve ser compartilhada”, avalia Barion.

Criado como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), o Inpar tem como objetivo encontrar soluções economicamente viáveis que garantam segurança jurídica às indústrias. “A indústria é apenas um elo da cadeia. Tem o distribuidor, o varejista, o importador, o consumidor final. Tem embalagens que o catador de lixo tem interesse. Há pontos de coleta seletiva em pátios de supermercados e parcerias com iniciativas públicas. Há ainda prefeituras no interior que têm boas iniciativas de coleta. Não vamos criar algo novo, mas, sim, com a capacitação de gestão dessas cooperativas e mecanismos já criados, vamos ver o que tem e o que pode ser melhorado. Estamos aprendendo”, contextualiza o presidente.

A tradicional indústria de balas Antonina, que está sob o Sincabima, participa do instituto. Com 37 anos de existência, um de seus grandes desafios foi dar a correta destinação às cascas de banana descartadas no processo. “Vendemos aproximadamente 12 mil pacotes por mês – o que significa mais de 2 milhões de balas mensais. É muita casca para descartar. Mas hoje já conseguimos destinar todo esse rejeito para a alimentação animal”, conta Rafaela Takasaki Correa, uma das administradoras da empresa, explicando que o atual desafio da indústria é o descarte das embalagens. “Por enquanto, estamos destinando nossos resíduos originados da produção para a reciclagem e estamos iniciando um processo de conscientização e treinamento com nossos colaboradores e sócios. Buscamos trabalhar essa consciência também em nossas mídias sociais, e certamente o Inpar será de grande relevância para o futuro sustentável da indústria”, avalia Correa.

A gestora ambiental e técnica do Inpar, Cris Baluta, explica que a atuação do Instituto deverá ser também de promoção de fóruns de debate, palestras e seminários para que o empresário conscientize-se sobre a importância do cumprimento da legislação. “Empresas que não aderirem ao plano de logística reversa, poderão sofrer notificações, autuações e em último caso multas pelo descumprimento da legislação ambiental – estadual ou federal. No Paraná, a lei estadual é mais restritiva. As multas podem variar entre R\$ 500 e R\$ 5 milhões, dependendo do caso, e o descumprimento pode ser configurado como crime ambiental”, alerta Baluta. ■

“ O INSTITUTO ESTÁ DESENVOLVENDO UMA METODOLOGIA COM A CONSULTORIA DE UMA ENTIDADE EUROPEIA PRIVADA, SEM FINS LUCRATIVOS, SOCIEDADE PONTO VERDE, QUE NOS DARÁ APOIO TÉCNICO DE COMO DESENVOLVER UM TRABALHO EM QUE PODEREMOS ATENDER À NECESSIDADE DE SUSTENTABILIDADE DA INDÚSTRIA. ”

ROMMEL BARION, PRESIDENTE DO INPAR.



O INPAR É A SOLUÇÃO PARA A DESTINAÇÃO CORRETA DAS EMBALAGENS DAS BALAS ANTONINA.

INFRAESTRUTURA

Inovação na estrada

Como a robótica está mudando o processo de construção de rodovias

da Redação

Inovação no setor de infraestrutura invariavelmente significa celeridade e precisão em processos. É o que promete o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) com a obra de duplicação da BR-163, no trecho de 75 quilômetros que liga Cascavel a Marmelândia, no Oeste do Paraná.

Até o final da obra, o consórcio Sanches Tripoloni – Maia Melo, contratado para executar o serviço, terá pavimentado o trecho com uma tecnologia de nivelamento que utiliza a robótica, até então inédita no Paraná. Estações inteligentes enviam informações para uma pavimentadora que aplica o revestimento com alta precisão e menor desperdício.

De acordo com o engenheiro do consórcio, Thiago Camargo, o processo adotado tem vantagens, como maior conforto e precisão. “Com esta tecnologia, temos a certeza de que o projeto está sendo executado sem variações. Com o pavimento flexível, que seria uma outra opção possível, não há o mesmo conforto de rolamento para os usuários.”

A espessura do pavimento em concreto é de 20 centímetros e são utilizadas barras de aço de transferência e de ligação – o que também é um diferencial em relação a técnicas mais convencionais, que utilizam concreto armado.

Segundo o DNIT, o pavimento em concreto rígido foi proposto pelo consórcio vencedor da licitação. A proposta foi analisada e aceita por apresentar ganhos, sem qualquer custo adicional – ou seja, mantendo o valor licitado pelo DNIT. O concreto rígido terá, em média, o dobro da vida útil de um pavimento em asfalto com a mesma espessura. Com isso, a nova pista da duplicação passa a ter uma expectativa de uso de 20 anos sem a necessidade de troca.

As obras de duplicação da rodovia BR-163 entre Cascavel e Marmelândia estão entre os principais empreendimentos do DNIT em todo o país. Além de sua dimensão, há ainda o aspecto do atendimento à demanda nacional por mais infraestrutura, com o aumento da capacidade da BR-163. “Com a duplicação, a rodovia passa a ser mais segura e torna nosso transporte mais eficiente. Contribui assim com os diferentes elos produtivos, como a indústria e o agronegócio, favorecendo o desenvolvimento do Paraná e do Brasil”, conclui o superintendente do DNIT no Paraná, José da Silva Tiago. ■

“ COM A DUPLICAÇÃO, A RODOVIA PASSA A SER MAIS SEGURA E TORNA NOSSO TRANSPORTE MAIS EFICIENTE. CONTRIBUI ASSIM COM OS DIFERENTES ELOS PRODUTIVOS, COMO A INDÚSTRIA E O AGRONEGÓCIO, FAVORECENDO O DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ E DO BRASIL. ”

CONCLUI O SUPERINTENDENTE DO DNIT NO PARANÁ, JOSÉ DA SILVA TIAGO.



ESTAÇÕES INTELIGENTES E PAVIMENTADORA GARANTEM APLICAÇÃO DE ALTA PRECISÃO E COM MENOS PERDA DE MATERIAL NO TRECHO QUE LIGA CASCAVEL A MARMELÂNDIA, NO OESTE PARANAENSE.



Semana da Indústria

Nesta edição, a Indústria em Revista dedica a seção Gente da Indústria aos homenageados durante a Semana da Indústria. Em cada região do Estado, a Fiep reconheceu a atuação destas personalidades pelo desenvolvimento da indústria e do Paraná. A Semana da Indústria aconteceu de 22 a 29 de maio, para celebrar o Dia da Indústria, comemorado em 25 de maio. Os homenageados foram indicados pelos sindicatos e diretores da Federação e receberam as medalhas de Mérito e Benemérito Industrial do Paraná. Em Curitiba, houve também a entrega do Pinheiro de Ouro. O troféu foi oferecido a personalidades e instituições que têm uma atuação em prol do desenvolvimento da sociedade paranaense e brasileira.

Curitiba e RMC

Eduardo Henrique Engelhardt e Andrea Engelhardt receberam a medalha de Mérito Industrial concedida à Padaria América, fundada por seu bisavô, Eduardo Engelhardt, em 1913. O Mérito Industrial foi entregue também ao empresário Sebastião Anastácio dos Santos, fundador da Pipoteca. Atualmente, a empresa que atende Paraná e Santa Catarina tem forte atuação social, empregando principalmente moradores do bairro e desenvolvendo projetos sociais em apoio à comunidade. A Fiep concedeu ainda o título de Benemérito da Indústria ao empresário Antonio Zanchett, que há 20 anos fundou a Technocoat. A condecoração foi entregue a Kelly Zanchett, filha do industrial.

Pinheiro de Ouro: Força-Tarefa da Lava Jato

Representantes de cada uma das instituições da Lava Jato compareceram à solenidade para receber o troféu Pinheiro de Ouro. Pela Receita Federal estiveram Luiz Bernardi, superintendente do órgão no Paraná, e Roberto Leonel de Oliveira Lima, chefe do escritório de Pesquisa e Investigação. Já a equipe da Polícia Federal foi encabeçada pelo delegado Igor Romário de Paula. A Justiça Federal foi representada por duas servidoras da 13ª Vara Federal, comandada pelo juiz Sergio Moro: Flávia Blanco, diretora de secretaria, e Flávia Rutyna Heidemann, oficial de gabinete. Por fim, a comitiva do Ministério Público Federal foi liderada pelo procurador Deltan Dallagnol, coordenador da força-tarefa da Lava Jato.

Governador Jayme Canet Junior

O troféu, em homenagem ao governador do Paraná entre 1975 e 1979, foi entregue a seu filho Jayme Canet Neto, e a seu neto, Marcelo Canet.

Campos Gerais

Na solenidade em Guarapuava, a medalha do Mérito Industrial foi entregue à Braslumber, com sede em Telêmaco Borba – dirigida por Luis Humberto Pinilla Vásquez, Antonio Tadeu Giacomet e Armando José Giacomet – e à Calpar, de Castro – dirigida pelos irmãos Dionísio e José Bertolini.



Crédito: Gelson Bampi

EM CURITIBA, A SEMANA DA INDÚSTRIA TEVE HOMENAGEADOS COM O MÉRITO E BENEMÉRITO DA INDÚSTRIA, E UM RECONHECIMENTO A AÇÕES QUE CONTRIBUEM COM O ENGRANDECIMENTO DO BRASIL, COM O TROFÉU PINHEIRO DE OURO.

Marcelino Ampessan

A família do empresário Marcelino Ampessan, de Capanema, no Sudoeste do Paraná, recebeu a homenagem em nome do patriarca, falecido no início deste ano, aos 85 anos.



Crédito: Mathheus Foto Color

JAN PETTER – PRESIDENTE SINDEMCAP, JOSÉ E DIONÍSIO BERTOLINI – CALPAR (MÉRITO INDUSTRIAL), ARMANDO JOSÉ GIACOMET – BRASLUMBER (MÉRITO INDUSTRIAL), EDSON CAMPAGNOLO E RANGEL HORNING – PRESIDENTE DO SINDIMATEL.



Oeste

Industriais da região se reuniram em Toledo, onde a medalha do Mérito Industrial foi entregue aos empresários Luiz Donaduzzi, sócio da indústria farmacêutica Prati-Donaduzzi, e Arno Sagmeister, fundador da Auto Cascavel Ltda. Hylo Bresolin, que foi diretor da Bresolin Madeiras, foi reconhecido postumamente com o título de Benemérito da Indústria paranaense. Márcia e Mônica Bresolin receberam a medalha de Benemérito da Indústria do Paraná concedida a seu pai, falecido em 2016.



EDSON CAMPAGNOLO, MÔNICA E MÁRCIA BRESOLIN (FILHAS DO BENEMÉRITO HYLO BRESOLIN), ARNO SAGMEISTER – AUTO CASCAVEL LTDA. (MÉRITO INDUSTRIAL), LUIZ DONADUZZI – PRATI-DONADUZZI (MÉRITO INDUSTRIAL).

Noroeste

Edson Marcelo Recco e Wilson Tomio Yabiku foram homenageados em Maringá com a medalha de Mérito Industrial.



LEIKO YABIKU (ESPOSA), WILSON TOMIO YABIKU (MÉRITO INDUSTRIAL), EDSON CAMPAGNOLO, EDSON RECCO (MÉRITO INDUSTRIAL), JOSETE RECCO (ESPOSA).

Norte

Em Arapongas, o Mérito Industrial foi entregue a José Maria Fernandes, da Produtos Alimentícios Arapongas (Prodasa), e Antonio Takao Amano, da Fiação de Seda Bratac. A homenagem a Antonio Amano foi entregue a sua filha, Renata Amano.



RENATA AMANO (RECEBEU A MEDALHA DO MÉRITO INDUSTRIAL EM NOME DO PAI ANTONIO TAKAO AMANO) E SEU ESPOSO, JOSÉ MARIA FERNANDES, INEZ ARANTES ALCÂNTARA FERNANDES, EDSON CAMPAGNOLO.

Sudoeste

A celebração de Dois Vizinhos teve homenagens para a empresa Alcast – fundada pelos irmãos Abelson e Elisandro Carles – e para o empresário Rafael Liston. Além deles, Pedro Flessak Filho foi homenageado postumamente com o título de Benemérito da Indústria. O industrial faleceu em fevereiro de 2012. A homenagem foi recebida por seu neto, Lucas Flessak.



LUCAS FLESSAK, MARCO ANTONIO FLESSAK (NETOS DO BENEMÉRITO PEDRO FLESSAK FILHO), ELISANDRO E ABELSON CARLES – ALCAST (MÉRITO INDUSTRIAL EMPRESA), RAFAEL LISTON – GRUPO LISTON (MÉRITO INDUSTRIAL) E EDSON CAMPAGNOLO.



Sinduscon-Oeste tem novo presidente

O empresário João Luiz Broch (de óculos na foto) assumiu a presidência do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Oeste do Paraná (Sinduscon-Oeste). Broch assumiu no lugar de Edson José Vasconcelos para mandato de três anos. Também foram empossados o primeiro vice-presidente, Paulo Natucci, o segundo vice-presidente, Ricardo Lora, a primeira secretária, Vanessa Pércio, a segunda secretária, Renata Krum, o primeiro tesoureiro, André Gonçalves, e a segunda secretária, Ivete Giovanella.

Empresários discutem tendências para inverno 2018

Dez representantes da indústria da panificação visitaram em junho a Feira Internacional de Tecnologias para Sorvetes, Confeitos, Chocolates, Panificados, Pastas, Pizzas e Artigos de Conveniência (Fithep), em Buenos Aires, Argentina. O grupo pode conhecer e prospectar in loco tendências de mercado, analisar o potencial de inserção de seus produtos no mercado exterior e gerar novos negócios, além de ampliar o networking. A missão foi organizada pela Fiep, por meio de seu Centro Internacional de Negócios (CIN-PR), em parceria com o Sindicato da Indústria da Panificação e Confeitaria no Estado do Paraná (Sipcep).

Fiep filia novo sindicato

O Ministério do Trabalho aceitou o pedido de reconhecimento do Sindicato das Indústrias de Produtos de Higiene Pessoal, Cosméticos e Perfumaria do Estado do Paraná (Sindicósméticos-PR), agora filiado à Federação das Indústrias do Paraná. O pedido foi aprovado no dia 11 de abril e seu presidente é o proprietário da indústria Natuphitus Indústria e Comércio de Cosméticos Ltda., André Balkowski Schutze. O sindicato tem cerca de 40 empresas associadas.

Nova diretoria toma posse no Sindimetal – Ponta Grossa

O empresário Luiz Paulo Rover transmitiu a presidência do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Ponta Grossa (Sindimetal – PG) para Álvaro Scheffer. A cerimônia que empossou a nova diretoria para o biênio 2017-2019 foi realizada em maio. Scheffer é um dos fundadores do Sindimetal – PG e foi seu primeiro presidente. Também integram a diretoria, Luiz Paulo Rover, Carlos Mubaia Chain Jabur, Alfeu Antonio Caznoch, Altamir Cleber Abdala Farago, Raul Egidio Gobbo, Paulo de Jesus Soares, Valdemir Nunes da Silva, Ana Cristina Gobbo, Edson Luiz Carneiro, Adilson Schemberger, Rogério Scheffer, Orcei Alves Martins e Laura de Ávila Pietrobelli.



A VIDA PASSA PELA INDÚSTRIA

Do papel até a tecnologia mobile, a indústria conecta você ao mundo e o **Sistema Fiep** conecta as indústrias às competências da **Fiep, Sesi, Senai e IEL**.

Conheça os benefícios desta união no novo site: moderno, responsivo e intuitivo, facilita o acesso às informações de cada instituição, às notícias de mercado e a tudo que essa integração oferece.

*indústria
da tecnologia da informação*

*indústria
de celulose e papel*

Automação Industrial

*Indústria
de madeira e mobiliário*

PREVENÇÃO



SOLUÇÕES
QUE DIMINUEM
OS RISCOS
**E AUMENTAM
OS GANHOS
DA SUA EMPRESA.**

— MULTAS

+ PREVENÇÃO

— AFASTAMENTOS

+ PRODUTIVIDADE

RESULTADO

Sesi Segurança e Saúde na Indústria. Proteja seus resultados.

Proteja os resultados do seu negócio reduzindo o impacto das multas, afastamentos e indenizações. Conte com as soluções do Sesi Paraná. Tudo o que sua empresa precisa para ampliar a segurança no ambiente de trabalho, melhorar as condições laborais e promover uma rotina mais produtiva dos trabalhadores.

Acesse sesipr.com.br/segurancaesaude ou procure a unidade Sesi mais próxima.

FIEP
SESI
SENAI
IEL

SESI